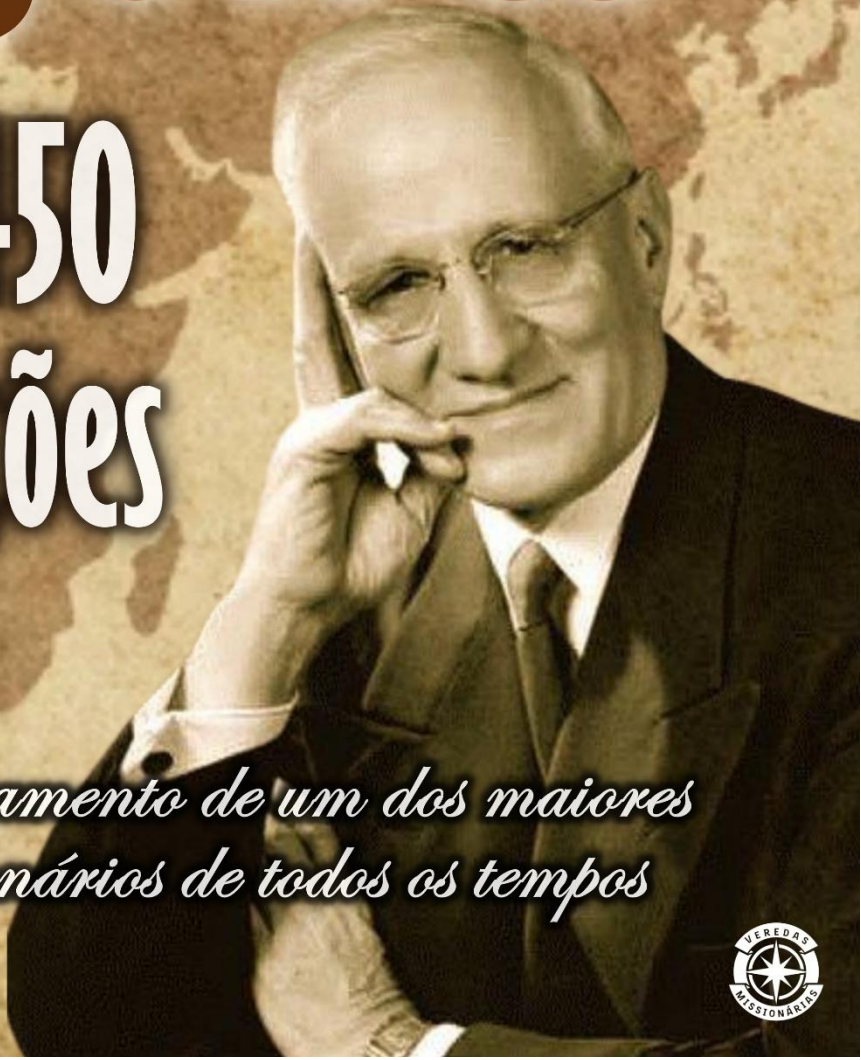
Stanley Jones

Em 450 Citações



O pensamento de um dos maiores missionários de todos os tempos

VEREDAS MISSIONÁRIAS

Stanley Jones
Em 450 Citações

O pensamento de um dos maiores missionários de todos os tempos

E-BOOK GRATUITO

VEREDAS MISSIONÁRIAS

Stanley Jones em 450 Citações.

Organização e edição de Sammis Reachers.

São Gonçalo (RJ): Veredas Missionárias, 2025.

E-BOOK GRATUITO

ISBN nº 978-65-01-59817-8

Acesse os canais, bem como outros *e-books* gratuitos do ministério Veredas Missionárias:

https://linktr.ee/sammisreachers

SUMÁRIO

Apresentação 05
Linha do tempo 12
Frases 14
Bibliografia 171

Apresentação

Eli Stanley Jones (1884—1973) foi um missionário metodista, teólogo e autor norte-americano que dedicou sua vida ao trabalho evangelístico na Índia. Nascido em Baltimore, Jones inicialmente pretendia seguir carreira jurídica, mas uma experiência espiritual profunda o levou ao ministério cristão. Em 1907, aos 23 anos, embarcou para a Índia como missionário da Igreja Metodista Episcopal, onde enfrentou desafios culturais e religiosos que moldaram sua abordagem única ao evangelismo. Ele acreditava que o cristianismo deveria ser apresentado de forma contextualizada, livre das influências ocidentais, e que Cristo era universal, acessível a todas as culturas.

Jones ficou conhecido por seus encontros inter-religiosos com intelectuais indianos, nos quais promovia o diálogo respeitoso entre diferentes crenças. Ele organizava conferên-

cias públicas e mesas redondas, onde representantes de várias religiões compartilhavam suas experiências espirituais. Essa abordagem inovadora, centrada na experiência pessoal com Cristo, tornou-se a base de seu ministério. Seu livro mais famoso, *The Christ of the Indian Road* (1925), vendeu mais de um milhão de cópias e consolidou sua reputação como um dos maiores missionários do século XX.

Além de seu trabalho evangelístico, Jones fundou o movimento do Ashram Cristão, inspirado nos retiros espirituais hindus, como espaços de comunhão e crescimento espiritual cristão. Durante a Segunda Guerra Mundial, ele foi impedido de retornar à Índia e transplantou o conceito de ashram para os Estados Unidos e Canadá. Também atuou como mediador entre os EUA e o Japão na tentativa de evitar o conflito. Em 1963, recebeu o Gandhi Peace Award e foi indicado duas vezes ao Prêmio Nobel da Paz por seus esforços de reconciliação e paz.

Stanley chegou a ser chamado por veículos de mídia de “o maior missionário do mundo”, mas definia-se a si mesmo como um evangelista. Seu esforço de contextualização e promoção do cristianismo entre culturas orientais e seu ímpeto em busca da unidade cristã em prol da Grande Comissão encantaram a muitos, não sem escandalizar a alguns. Sua luta contra o preconceito racial e social transcendeu fronteiras e religiões, influenciando líderes como Martin Luther King Jr., que se inspirou em sua biografia de Gandhi — de quem Jones fora amigo — para adotar a não-violência no movimento dos direitos civis.

Seus muitos livros — mais de 25 títulos —, alguns dos quais best-sellers, redundaram em lucros revertidos para a obra. Fiel aos preceitos de John Wesley, Jones foi incansável em pregar, em doar, em arder. Pregou mais de 60.000 sermões durante sua vida. Estadista do Reino de Deus, Jones foi um cristão global de fato e direito, décadas antes deste termo fazer sentido.

Num tempo (ou numa sucessão de séculos!) de tantos teólogos preocupados apenas com o teologar, seguros em suas cátedras, púlpitos e urbes, sem maior ou ao menos inteiro compromisso com a Grande Comissão — observe a sua estante, é o caso de mais deles do que você imagina — o exemplo colossal de Jones é um modelo a ser admirado e replicado, se tivermos almas à altura do chamado que pesa sobre todos nós.

Mesmo após sofrer um derrame em 1971, Jones continuou a pregar e ditou seu último livro, O Divino Sim, demonstrando uma fé resiliente até o fim. Ele faleceu em 25 de janeiro de 1973, em Bareli, na Índia.

Sobre a vida e o impacto de Jones, seu genro, James K. Mathews, bispo metodista e *obreiro* sempre pronto a ombreá-lo, teceu as seguintes assertivas:

Ele encontrou o movimento cristão basicamente entre os privilegiados e deixou-o no

centro da vida da Índia, um desafio e desafio e um problema para os intelectuais e líderes.

Ele encontrou o movimento cristão desperdiçando suas energias em assuntos secundários, como doutrina e denominação, e deixou-o centralizado em Jesus Cristo, o assunto maior e central.

Ele encontrou o movimento cristão bastante alienado e ocidentalizado e o deixou mais naturalizado através do seu movimento Ashram.

Ele encontrou o movimento Ashram como um movimento indiano e localizado, e o deixou internacional e universalizado.

Ele encontrou o evangelismo na América à margem da vida das igrejas, em grande parte com grupos paralelos, e num estado não muito respeitável; e o transformou numa questão central na vida de todas as igrejas, tornando-o respeitável e necessário.

Ele encontrou o evangelismo exageradamente emocional e o deixou simpático à pessoa total — mente, espírito e corpo.

Quando o encontrou, o cristianismo era apresentado como algo estranho à natureza humana; deixou-o como algo sobrenaturalmente natural e o pecado como inatural e estranho.

Ele encontrou o reino de Deus largamente interiorizado e místico, ou futurístico no céu, e colocou-o dentro da vida como a grande questão do momento, suplantando todas as alternativas do comunismo, fascismo e outros semelhantes. O reino de Deus na terra, e na terra já, é a grande questão.

Ele encontrou o movimento de não-violência e não cooperação como um movimento indiano e gandhiano e deixou-o como um método para encontrar a liberdade para os negros da América.

Ele encontrou a união da igreja alternando entre os Conselhos e a fusão das igrejas e colocou entre os dois a união federal como um plano prático para a união já.

Graças sejam dadas a Deus pela vida de E. Stanley Jones. Jesus é Senhor!

Aqui, reunimos um pouco do pensamento de Jones, na forma de trechos selecionados de alguns de seus muitos livros.

LINHA DO TEMPO

- 3 de janeiro de 1884: Nasce em Baltimore, Maryland, EUA.
- 1906: Gradua-se no *Asbury College*, em Kentucky.
- 1907: Parte para a Índia como missionário metodista.
- 1911: Casa-se com Mabel Lossing, também missionária.
- 1914: Nasce sua filha, Eunice.
- 1925: Publica "*The Christ of the Indian Road*", que se torna um sucesso editorial, vendendo mais de um milhão de cópias.
- 1928: Faz sua primeira visita ao Brasil, proferindo conferências em várias cidades.
- 1930: Cria a primeira versão cristã do ashram na Índia.
- 1941: Atua como confidente do presidente Franklin D. Roosevelt e líderes japoneses na tentativa de evitar a guerra.
- 1948: Publica uma biografia de Mahatma Gandhi após seu assassinato.

- 1963: Recebe a medalha *Gandhi Peace Award*. Neste ano fez também sua segunda visita ao Brasil, pregando no Maracanãzinho.
- 7 de dezembro de 1971: Sofre um derrame que afeta sua mobilidade e fala, mas continua a pregar.
- 25 de janeiro de 1973: Falece na Índia aos 89 anos.

Frases

Somos servos do Senhor. Consequentemente, devemos, como Paulo em Filipenses 2.1-11, com humildade, colocar o outro na frente, edificar o outro e amar o outro, a ponto de servi-lo mesmo com sacrifício.

O maior inimigo do cristianismo não é o ateísmo, não é o budismo, não é o hinduísmo, não é o islamismo, não é o materialismo, não é o romanismo, e nem o espiritualismo, mas sim o subcristianismo, que é o cristão de duas vidas.

O nosso maior mal não é o anticristianismo, é subcristianismo. Contentamo-nos com fatos a respeito de Cristo, sua vida, sua morte e sua ressurreição, mas o fato vital, o Cristo vivo, fica fora de nossa experiência. E isto é uma tragédia e o fracasso do cristianismo nos tempos presentes.

Religião é a busca do homem a Deus. Por isso há muitas religiões. Mas o evangelho é Deus

buscando o homem, por isso só há um evangelho.

O propósito da religião não é tanto nos levar para o céu, ou nos manter fora do inferno, mas colocar um pouquinho do céu em nós, e tirar o inferno de nós. Esta sempre foi a maior responsabilidade da religião.

O lar é a esperança da raça. A menos que a religião esteja nos lares como parte integrante deles, a religião nos templos não os salvará.

Eu não acredito que a religião tenha se originado da mágica e da superstição. Ela assume, frequentemente, formas mágicas e supersticiosas, mas creio que a gênese da religião esteja numa ânsia de vida. Tagore diz que todas as coisas buscam a perfeição. Concluo que a ânsia religiosa é esta ânsia de vida tornada qualitativa.
Nós queremos viver não apenas mais plenamente, mas melhor; no momento em que dizemos "melhor", temos padrões; e no momento em que temos padrões, temos religião. Enquanto as pessoas quiserem viver plenamente e melhor, seremos religiosos. Na verdade, somos incuravelmente religiosos. Jesus é a Resposta Divina a isto. Ele finalmente respondeu a esta ânsia de vida. Ele disse: "Eu vim

para que tenham vida e a tenham em abundância" (João 10.10).

Jesus veio para que eu pudesse ter vida, e vida em abundância. Ele não é apenas vida, mas vida com um Sim dentro de si, um Divino Sim. O universo e todas as coisas que nele há dizem que a vida é boa. O mal a invadiu, mas ele é um intruso. O mal é uma tentativa de viver a vida fora do Plano Divino. Isto não pode acontecer. Sempre que isto é tentado acaba mal. O que é mal é mal para nós, e o que é bom é bom para nós. Mas a vida é boa, e Jesus veio para que pudéssemos ter vida, e vida em abundância.

Retornando a João 11.25, ele diz "Eu sou a ressurreição e a vida". Se eliminássemos o artigo 'a' antes das palavras vida e ressurreição, teríamos: Eu sou ressurreição e vida. Se isto significasse algo, seria: Eu sou um momento de ressurreição, mas sou também o seu princípio e poder. A Bíblia diz que aquele que está em constante contato com a ressurreição jamais morrerá. Fisicamente ele pode morrer num corpo desgastado, mas estará renovado em espírito. Tenho dito frequentemente que quando as pessoas se reunirem em volta de mim e disserem: 'Bem, o irmão Stanley se foi,' eu gostaria de poder piscar para elas; e, se tiver forças suficientes, gostaria de rir e dizer: Jesus

é o Senhor. Porque isto não será morte. Será uma vida mais plena. Digo isto em parte como piada, mas creio que se tornará realidade. Porque toda pessoa que está em Jesus é imortal, pois está sob o princípio e poder da ressurreição.

Oração é a exposição da alma ao grande Deus.

A oração cria um coração simples.

Orar é nos alinhar com os propósitos de Deus.

Se sabemos orar, sabemos viver.

Quando a oração desaparece, o poder desaparece. Somos tão espirituais quanto somos orantes; nem mais, nem menos.

Oração é comissão. Da quietude com Deus, é gerado poder que gira a maquinaria espiritual do mundo. Quando você ora, você começa a sentir a sensação de ser enviado, que a compulsão divina está sobre você.

No tempo de oração, a batalha da vida espiritual é perdida ou ganha.

Oração é cooperação com Deus. É o exercício mais puro das faculdades que Deus nos deu —

um exercício que conecta essas faculdades com o Criador para trabalhar as intenções que Ele tinha em mente em sua criação.

Se eu lanço um gancho do barco e agarro a costa e puxo, eu puxo a costa para mim, ou eu puxo a mim mesmo para a costa? A oração não é puxar Deus para a minha vontade, mas o alinhamento da minha vontade com a vontade de Deus.

Na atmosfera da oração todos os meus temores não só serão resolvidos, mas também dissolvidos.

Oração é cooperação com Deus. Na oração, você alinha seus desejos, sua vontade, sua vida a Deus. Você e Deus concordam em relação aos desejos da vida, aos propósitos da vida, aos planos da vida, e vocês trabalham *juntos*. Isso é oração. Orar, portanto, não é tentar fazer com que Deus faça nossa vontade. É alinhar nossa vontade à dele. A vontade não é uma parte separada de nós, mas o ego em ação. Assim, a oração alinha todo o nosso ego a todo o Ser de Deus. Oração é, portanto, sintonia. Assim como, quando uma nota de um piano bem afinado é tocada, a nota correspondente de um violino bem afinado vibra em uníssono,

quando Deus toca certas notas da natureza divina, encontramos nossas cordas do coração vibrando em uníssono, desde que a oração nos tenha afinado.

Citamos em outra conexão esta definição de oração: "Expor toda a vida à luz da presença de Deus para purificação e decisão". "Para purificação e decisão" — a oração purifica, subjuga nossos desejos, realinha-os de modo que já não possamos dizer onde terminam os nossos desejos e começam os de Deus. Eles são uma coisa só. Uma vez que os desejos são uma coisa só, as decisões também o são, e o poder também. Você coloca sua impotência ao lado da potência de Deus, e ela se funde nessa potência, sim, na onipotência. Ao aprender a orar, você aprende a viver —de maneira vital, vibrante, vitoriosa.

Tem sido dito que a Reforma começou na cela de oração de Lutero. Todas as reformas individuais ou coletivas começam na cela de oração de alguém. Eu sinto que sou melhor ou pior conforme oro mais ou menos. É uma coisa quase matemática. Descobrimos mais cedo ou mais tarde que ou nos abandonamos à oração ou abandonamos a oração. Ou a oração nos livra do egoísmo ou o egoísmo nos

priva da oração. Deus vai-se esvaindo de minha vida à medida que a oração se vai dos meus lábios. O desaparecimento da consciência de Deus é a maior tragédia que sobreveio a esta geração. A oração é o único meio de recobrá-la.

Jesus "estava orando em particular, e com ele estavam os seus discípulos" (Lc 9.18). "Em particular" e seus discípulos "com ele". Fisicamente eles estavam juntos, mas, na verdade, estavam separados. Ele tinha um segredo que os discípulos não partilhavam, e o segredo era a oração. Ele orou e ele era poder; eles não oravam e não tinham poder. Ele estava sempre são; eles estavam sempre doentes de si mesmos e dos outros. Jesus era magistral, passando de uma tarefa à outra; os discípulos se atrapalhavam com as tarefas mais simples. O menino endemoninhado tinha um quadro mais forte de possessão demoníaca do que os discípulos tinham de "possessão divina", por isso eles não puderam resolver a situação (Mt 17; Mc 9). Eles não eram "possuídos" por Deus, porque não eram "possuídos" pela oração. Assim, pediram a Jesus que compartilhasse o seu segredo: "Senhor, ensina-nos a orar" (Lc 11.1). E ele lhes ensinou o Pai-Nosso, que seria melhor chamado "Oração dos Discípulos". É a essência da oração correta.

A oração divide-se em duas partes: o lado de Deus e o lado do homem: (1) “Pai nosso, o teu nome, o teu Reino, a tua vontade”; (2) “Dá-nos, perdoa. não nos deixes cair, livra-nos” (Mt 6.9-13). A primeira parte é o Realinhamento e a segunda, o Resultado. Na primeira parte, realinhamos a vida ao nosso Deus, ao nome de Deus, ao reino de Deus, à vontade de Deus. Na segunda parte, obtemos o resultado: Deus nos dá, nos perdoa, não nos deixa cair, nos livra. Estas são as batidas alternadas do coração da oração: Realinhamento/Resultado, Realinhamento/Resultado. E cada lado da batida cardíaca é igual: quatro aspectos para o Realinhamento e quatro para o Resultado. Em outras palavras, você obtém maior Resultado à medida que houver maior Realinhamento. Quanto mais você realinhar seus propósitos aos propósitos de Deus, mais resultados você obterá. A ênfase, então, deve ser dada ao Realinhamento, e o Resultado será consequência por si só. Se você está sempre olhando para os resultados, está tomando o lado errado das coisas. Olhe para os meios, e os fins cuidarão de si mesmos. [...] Aprenda a primeira parte do Pai-Nosso, e a segunda parte será consequência.

Nas horas puras e fortes da manhã, quando a alma do dia está no seu melhor, incline-se sobre o peitoril da janela de Deus e olhe para o seu rosto, e receba as ordens para o dia. Então saia para o dia com a sensação de uma mão sobre seu ombro e não uma lasca.

Quando tropeçar, então tropece nos braços de Deus. Quando cair, caia de joelhos.

Cada dia, antes de iniciarmos nossas atividades, devemos ouvir a Deus através de Sua Palavra.

Já descobri que sou melhor ou pior à medida que oro mais ou menos. Quando oro, sou igual à uma lâmpada colocada no lugar adequado: fico pleno de luz e poder.

Quando o homem escuta, Deus fala; quando o homem obedece, Deus age; quando o homem ora, Deus capacita.

Sei que a igreja tem suas tolices, incoerências e irrelevâncias; mas amo minha mãe, a despeito de suas fraquezas e rugas.

Quando me dizem: “Há hipócritas na igreja!”, minha resposta é: “Entre para ela e teremos absorvido mais um.”

A igreja cristã, com todas as suas faltas, é a melhor instituição de serviço no mundo. Tem muitos críticos, mas não tem rivais na obra da redenção humana.

A igreja atrás de Cristo é a maior instituição do mundo em termos de serviço; se colocada à frente de Cristo, é um ídolo. Se ela se tornar um fim em si mesma, ela se perde. Se ela se deixar perder em Cristo e no reino dele, ela se encontra novamente.

Coração algum é suficientemente forte e grande para dois amores que mutuamente se excluem.

Só crescerei quando crescer para cima — para o Calvário. Daí, morro para viver.

Não há nenhuma virtude em nosso arrependimento, se ele não nos levar a Deus. Mero desgosto pelo pecado não nos isenta da culpa. Pode haver remorso, mas não arrependimento.

A carga que conduzimos com amor sempre se torna leve.

Não adianta fazer caridade, mitigar a fome e a sede físicas, se falharmos no aspecto fundamental do cristianismo, que é salvar vidas com o poder do céu e a água da vida — Jesus Cristo.

Se o fim e o motivo do Cristianismo — e, portanto, das missões cristãs — é formar um caráter semelhante ao de Cristo, então não peço desculpas por ser um missionário cristão, pois não conheço nada mais elevado para Deus ou para o ser humano do que ser semelhante a Cristo.

Não conheço nada mais elevado para Deus. Se Deus, em caráter, é como Jesus, então Ele é um Deus bom e digno de confiança. A dúvida contemporânea não diz respeito a Cristo, mas a Deus. As pessoas se perguntam se pode haver um Deus bom por trás de tudo, quando veem terremotos destruindo inocentes e culpados indiscriminadamente, e crianças inocentes sofrendo de doenças inomináveis que não causaram a si mesmas. Mas a mente confusa e duvidosa se volta para Jesus com alívio e diz: "Se Deus for assim, então Ele está certo." Como cristãos, afirmamos que Ele é — que Seu caráter é semelhante ao de Cristo — e o dizemos sem reservas e sem a menor hesitação nos lábios. Cremos que "Deus é Jesus em

todo lugar" e que Jesus é Deus aqui — a vida humana de Deus.

Negamos, portanto, que [a atividade missionária] se trate de intromissão internacional. Não há mais intromissão nisso do que quando Copérnico descobriu um centro em torno do qual nosso planeta girava e compartilhou sua descoberta. Isso causou perturbação e angústia em muitos que consideravam a visão geocêntrica sacrossanta. Agora vemos que a desordem causada por este anúncio não era nada comparada à vasta e incurável desordem que havia em toda parte quando os homens pensavam fora do centro. Anunciamos que acreditamos ter descoberto o centro deste universo moral e espiritual — a pessoa de Jesus. Isso causa confusão e perturbação. Mas quando os homens encontram esse centro, descobrem que um universo espiritual ordenado surge do caos. Mas não o impomos aos homens, nós o compartilhamos com eles.

Quanto à alegação de que a "Grande Comissão" seria uma interpolação, respondemos que isso ainda não foi provado; mas, mesmo que fosse, ainda assim estaríamos comprometidos com toda essa missão de compartilhá-lo com o mundo, pois ela não se baseia apenas em um mandamento, mas na própria

natureza do evangelho — na pessoa dEle. Haja ou não um último mandamento, devemos compartilhá-lo, pois as próprias necessidades da vida humana nos ordenam compartilhar um Salvador como Jesus. Mas, dentre as necessidades mais profundas, ergue-se uma voz imperiosa: "Ide por todo o mundo e pregai o evangelho." Se nos calarmos, as pedras — os fatos duros e cruéis da vida — clamarão.

Além disso, não apenas Jesus e os fatos nos ordenam a ir, mas Ele, estando no Oriente, nos chama a vir. Cristo está ali — profundamente ali, adiante de nós. Não apenas o levamos; vamos até Ele.

Se a Igreja perde o seu poder de evangelizar, ela perde o direito de se chamar cristã, porque cristianismo não é só um conceito, é um contágio. E se perde o seu contágio, perde o seu conceito. Se não for evangelística em pouco tempo não será mais evangélica.

Não me entenda mal. Não me satisfaço com um mero interesse por Jesus — não posso me satisfazer com menos do que lealdade — total e absoluta. Mas, se me derem um centímetro na alma da Índia, o aceitarei e clamarei por mais um centímetro, até que toda a alma desse

grande povo esteja depositada aos pés do Filho de Deus. Além disso, nosso chamado final ao mundo não é para que ame a Cristo, mas para que tenha fé nEle. Mas, como uma nação é conquistada gradualmente, daremos graças a Deus por cada estágio no caminho rumo ao alvo. Esse alvo final é a fé em Cristo.

Alguns dos motivos que eram válidos [acerca do esforço missionário] no passado não se aplicam hoje.
Na época em que me voluntariei para ser missionário, o pensamento predominante era que havia uma catarata de almas humanas se derramando em direção à perdição e que deveríamos resgatar o maior número possível. Certo ou errado, essa ideia não mais prevalece como motivo para missões estrangeiras. Então, no final da [Primeira] Grande Guerra, havia o sentimento de que a democracia era a panaceia para os males do mundo, e que a América, sendo a personificação do ideal democrático, deveria liberar a democracia, permeada pelo cristianismo, sobre o mundo.
Grande parte do pensamento subjacente ao Centenário Metodista e ao Movimento Mundial Intereclesial estava impregnado dessa ideia. Agora vemos que a democracia, por melhor que seja, não é uma panaceia para as do-

enças do mundo, que males paralisantes podem florescer em uma democracia tão flagrantemente quanto em uma autocracia.
Um hindu pensativo, após ler "Democracias Modernas", de Bryce, deixou-o de lado e comentou com um amigo: "Afinal, a democracia é apenas um ideal, e esse ideal jamais será realizado até que o reino de Deus venha à Terra como no céu". Precisamos ir além da democracia.

Vimos como por um clarão sinistro durante esta última guerra [Primeira Guerra Mundial] que grande parte de nossa civilização ainda está sob o domínio de ideais pagãos. Quem foi que orou: "Oh, ver o mundo sem a tampa"? Bem, nós o vimos sem a tampa, e a forma sombria de nosso passado pagão nos espiava das profundezas. Esse passado pagão controlava grande parte da vida submersa de nossa civilização aparentemente brilhante. Ver muitas de nossas cidades modernas sem a tampa nos curaria de um otimismo fácil. Não, o paganismo não é algo para o qual possamos apontar no mapa e dizer: "Está aqui", "Está lá". Não é algo geográfico, mas uma questão de espírito, e pode haver vastas áreas de pensamento, propósito e espírito que ainda sejam

pagãs em ambos os lados do mundo. O paganismo pode estar tanto no Oriente quanto no Ocidente.

Ainda não existe uma nação cristã. Existem indivíduos e grupos cristianizados, mas a vida coletiva de nenhum povo foi fundada na perspectiva de Jesus. Somos apenas parcialmente cristianizados. Isso não significa que não apreciemos e sejamos gratos pela cristianização que ocorreu, nem que não sejamos cegos ao fato de que nossa civilização é provavelmente a melhor já produzida na história humana, mas não estamos nos medindo por nós mesmos, mas à luz alva da pessoa de Jesus.

[Falando sobre evangelização em contexto indiano] Agora, uma palavra sobre o método correto de abordagem. Havia três métodos usados: (1) O antigo método de atacar as fraquezas das outras religiões e, em seguida, tentar estabelecer a sua própria sobre as ruínas da outra. (2) O método do Dr. Farquhar, que consistia em mostrar como o Cristianismo cumpre as antigas religiões — uma grande melhoria em relação ao método anterior. (3) O método de começar com um tema de interesse geral para todos e, então, concluir com uma mensagem e um apelo cristãos.

De forma instintiva, sentia que deveria haver uma abordagem melhor do que essas três. Agora vejo o que estava buscando naquela época. Tenho diante de mim uma nota escrita há oito anos, na qual estabeleci alguns princípios que, a meu ver, deveríamos seguir:

(1) Ser absolutamente franco — não deve haver disfarce ao esconder o significado ou propósito por trás de temas neutros. O público deve saber exatamente o que irá ouvir.

(2) Anunciar previamente que não haverá ataque contra a religião de ninguém. Se houver algum ataque, que seja por meio da apresentação positiva de Cristo. O próprio Cristo deve ser o "ataque". Isso significa que esse tipo de ataque pode se voltar em duas direções — contra nós e contra eles. Jesus julgaria a ambos. Isso tenderia a nos livrar de sentimentos e atitudes de superioridade, tão destrutivos à obra cristã.

(3) Permitir que o público faça perguntas ao final — enfrentar tudo e não fugir das dificuldades.

(4) Convidar os principais não cristãos da cidade onde os encontros forem realizados para atuarem como presidentes das reuniões.

(5) O Cristianismo deve ser definido como Cristo — não o Antigo Testamento, não a civilização ocidental, nem mesmo o sistema

construído em torno dele no Ocidente — mas o próprio Cristo; e ser cristão é segui-lo.
(6) Cristo deve ser interpretado em termos de experiência cristã, e não apenas por meio de argumentos...

Passei a omitir o termo "Cristianismo" de meus comunicados (afinal, ele não aparece nas Escrituras, aparece?), pois carregava conotações que geravam confusão. Em seu lugar, utilizei o nome de Cristo nos temas anunciados e na própria mensagem. Também precisei explicar repetidamente que, ao dizer "Cristianismo", eu me referia a Cristo...

Um dia, um dos principais funcionários do governo indiano, um hindu, comentou: "Há quanto tempo esta missão está nesta cidade?" Eu disse a ele, cerca de cinquenta anos. Ele perguntou muito incisivamente: "Então por que vocês foram apenas para as castas baixas? Por que vocês não vieram até nós?" Eu respondi que supunha que era porque pensávamos que eles não nos queriam. Ele respondeu: "É um erro. Nós queremos vocês, se vocês vierem da maneira certa!" Quase todo momento desde então eu tenho estado em uma busca ansiosa por essa maneira certa.

Cristo deve ser apresentado em um contexto indiano. Deve ser o Cristo do Caminho Indiano... Cristo não pode parecer um Partidário Ocidental do Domínio Branco, mas um Irmão de toda a humanidade.

Quanto à maneira e ao espírito com que essa mensagem deve ser apresentada, devemos considerar de suma importância a profunda afirmação de Tagore: "Quando os missionários trazem sua verdade a uma terra estrangeira, a menos que a tragam em forma de homenagem, ela não é aceita — nem deveria ser. A forma de oferecê-la não deve ser em nada dissonante com o pensamento nacional e o respeito próprio do povo."

O indiano está fazendo uma descoberta surpreendente, a saber, que o cristianismo e Jesus não são a mesma coisa — que eles podem ter Jesus sem o sistema que foi construído em torno Dele no Ocidente.

Queremos que o Oriente mantenha sua própria alma — somente assim ele pode ser criativo. Não estamos lá para emplastrar a civilização ocidental sobre o Oriente, para torná-lo uma cópia pálida de nós mesmos. Precisamos ir mais fundo — infinitamente mais fundo — do que isso.

Apresentamos, ponderadamente, este ideal aos filósofos do mundo, aos estadistas, aos moralistas, aos reformadores, aos pensadores religiosos, e dizemos-lhes: "Irmãos, é isto que estamos a tentar produzir. Achamos que vale a pena produzir um caráter semelhante ao de Cristo. Conheceis algo mais belo e melhor? Conheceis algum objetivo mais nobre? Existe algum padrão que concebestes que supere isto, sendo exatamente o que a vida deve ser? Se sim, mostrai-nos, e diante de Deus, deixaremos isto e buscaremos o outro." Creio que os lábios do mundo estão mudos e silenciosos perante a questão de encontrar algo melhor. No domínio do caráter, Jesus tem o campo. Na luta e no choque de ideais pela vida humana, o seu é o mais apto a sobreviver. Os homens precisam de um objetivo para o caráter, e Jesus é esse objetivo.

O que temos no Cristianismo que não se encontra em nenhum dos outros sistemas? Um fervoroso Arya Samajista [reformista hindu] me fez exatamente essa pergunta. "O que vocês têm na sua religião que nós não temos na nossa?" Ele esperava que eu discutisse com ele a questão sobre quais ideias morais e princípios filosóficos nós tínhamos que eles não tinham. Respondi: "Devo dizer-lhes em uma

palavra? Vocês não têm Cristo." É justamente aí que reside a grande carência das religiões não cristãs. Coisas boas em sua cultura e pensamento — nós admitimos isso e agradecemos a Deus com sinceridade por elas — mas a verdadeira carência, a carência que nada mais pode suprir, é justamente Cristo. Eles não têm Cristo. E sem ele, a vida carece de sua suprema necessidade.

A tarefa do evangelismo é a realização do Reino eterno de Deus no tempo e na terra, tanto na vontade individual quanto na coletiva; este Reino corporificado e personalizado em Cristo que em Sua vida, ensino, morte e ressurreição se torna a chave para o significado daquele Reino e o caminho para ele através do novo nascimento — este novo nascimento trazendo alguém para a Igreja, que é a comunhão daqueles devotados aos propósitos do Reino.

Quando comecei esta aventura de evangelismo entre os intelectuais da Índia, os líderes desta nova Índia ressurgente, me vi tomando a atitude de um elefante quando está prestes a cruzar uma ponte: ele pressiona seu pé sobre ela para testá-la para ver se é segura e então prossegue cautelosamente. Eu sabia que minha mensagem era sólida e necessária, mas

meus métodos de abordagem à Índia eram os corretos — as pontes da minha mensagem para a necessidade da Índia eram confiáveis e eu poderia colocar todo o meu peso sobre elas? Prossegui de um passo cauteloso para outro. Eu havia rejeitado em meu pensamento algumas das abordagens antigas — uma, o método de ataque às antigas crenças e a outra, o método de apresentar a fé cristã como o cumprimento das antigas crenças. Nesta nova Índia sensível e ressurgente, lutando por sua independência, o método de ataque não seria tolerado. Além disso, o cristianismo não poderia ser apreciado em debates públicos, assim como uma música doce não poderia ser entendida em uma briga de cães. O método cancelou a mensagem. Nem eu poderia aceitar a defesa do Dr. Farquhar do método de cumprimento — o cristianismo cumpre o melhor do hinduísmo. Pois o hindu invariavelmente se opunha à sua interpretação das doutrinas hindus quando você as mencionava para dizer que o cristianismo as cumpria. Além disso, ele se opunha à implicação de que o cristianismo era a fé perfeita e cumpria a fé imperfeita. Eu não mencionaria as religiões não cristãs. Eu não falaria com hindus ou muçulmanos, mas com pessoas — pessoas em necessidade espiritual. Jesus Cristo havia atendido minha necessidade e poderia atender às delas. Seria

uma apresentação direta de Cristo, combinada com um testemunho de que ele havia atendido minha necessidade para que pudesse atender às deles. Era de pessoa para pessoa e não de pregador para o público. Mas ao falar sobre suas necessidades, mentais e espirituais, eu teria que conhecê-las; então me dediquei a um estudo completo do contexto de seu pensamento no hinduísmo e no islamismo.

Jesus é o evangelho — ele mesmo é a boa nova. Homens saíram naqueles primeiros dias e pregaram Jesus e a ressurreição — um Jesus ressuscitado. Mas, assim como um riacho assume a coloração do solo sobre o qual flui, o cristianismo, ao fluir pelos solos das diferentes perspectivas raciais e nacionais, assumiu a coloração deles. [Nós, a igreja ocidental] Acrescentamos muito à mensagem central — Jesus. Parte dela vale a pena sobreviver, pois surgiu da realidade. Parte dela não resistirá ao choque da transplantação. É um choque para qualquer organismo ser transplantado. Tenho visto muitos pregadores famosos visitarem o Oriente e terem suas mensagens traduzidas. O resultado tem sido frequentemente desastroso. Depois que a retórica e os períodos de reflexão foram eliminados como intraduzíveis, não havia base de ideias suficiente para

serem retransmitidos em outra língua. Alguns de nossos sistemas eclesiásticos, construídos sobre controvérsias, perdem o sentido quando passam para uma atmosfera totalmente diferente. Mas Jesus é universal. Ele pode suportar o choque da transplantação. Ele apela ao coração universal.

Cremos que existem três grandes necessidades elementares do Oriente e do Ocidente: um objetivo adequado para o caráter; uma vida livre e plena; Deus. Cremos que Jesus, de forma suprema, nos dá essas três coisas.

Os arranjos externos sob os quais eu vim [para o trabalho evangelístico em toda a Índia] também eram claros e desembaraçados. A YMCA se ofereceu para me assumir e fornecer uma plataforma interdenominacional para mim nesta tentativa de apresentar o evangelho à Índia educada... Mas no Methodist Mission Board em Nova York, o Dr. Frank Mason North, o Secretário Geral, respondeu: "Não, mas faremos a mesma coisa. Pagaremos o salário e as viagens de Stanley Jones e então o deixaremos livre para trabalhar em toda a Índia entre todas as missões, incluindo a YMCA, neste trabalho evangelístico." Este foi talvez o primeiro passo na ecumenicidade no campo

missionário: uma missão apoiando um de seus membros e então comissionando-o para trabalhar com e para todas as missões em toda a Índia e fazendo isso, não esporadicamente, mas como uma coisa contínua por mais de meio século. E fazendo isso sem alarde ou publicidade, ou desejo de reconhecimento. Não me lembro de que a transação tenha sido anunciada nos jornais. Foi simplesmente feita. Foi de longo alcance em seus efeitos: me colocou no fluxo da vida organizada da igreja da Índia. Eu sairia para fortalecer e ajudar a redimir essa vida da igreja. Eu não seria um estranho. Eu aceitaria a igreja como minha e com todos os seus pecados e deficiências trabalharia por ela e por ela e aceitaria as críticas que surgissem como minhas. E eu poderia fazer isso sem a acusação de promover o Metodismo enquanto trabalhava interdenominacionalmente. Eu tentaria fortalecer todo o movimento cristão. Isso abriu as portas de todas as denominações, especialmente a antiga Igreja Síria Mar Thoma do Sul da Índia, com a qual trabalhei por quarenta e cinco anos em sua grande convenção em Maramon, e agora me identifiquei tanto com eles que me acolheram: “Stanley Jones é um Mar Thoma”.

Se o cristianismo não vale a pena ser exportado, não vale a pena ser mantido. Se não podemos compartilhá-lo, não podemos mantê-lo.

Meu trabalho evangelístico teria um objetivo duplo: fortalecer e converter a igreja — tentar cristianizar o cristianismo não cristão onde quer que seja encontrado — e ganhar os não cristãos educados para uma fidelidade a Cristo. Sempre que eu ia a uma cidade, todas as missões naquela área deveriam entrar e apoiar a série evangelística... As reuniões para os cristãos geralmente são nas igrejas, e as reuniões noturnas para o público não cristão geralmente são realizadas em salões públicos, teatros, salões escolares ou ao ar livre em complexos de vários tipos. Os não cristãos em geral não vêm em grande número às igrejas, então vamos a um lugar neutro e os chamamos de "palestras". Não cristãos proeminentes geralmente presidem as primeiras noites. Isto é um ativo e um passivo — um ativo no sentido de que tende a naturalizar as reuniões, já que um deles está presidindo, e um passivo no sentido de que há um costume na Índia de fazer "comentários do presidente" no encerramento do discurso... Eu costumo abordar um assunto amplo, como a situação mundial na primeira noite e a última noite termina na

cruz. O Sr. Shrinavasa Shastri, um dos maiores homens da Índia, ao presidir disse no encerramento do discurso: "Sempre sabemos onde Stanley Jones está saindo. Se ele começar no teorema binomial, ele sairá no local da conversão."...
Às vezes, meus presidentes não cristãos, em vez de tentar cancelar o que eu digo, dizem coisas que acrescentam um ponto positivo ao discurso. Por exemplo, um presidente hindu disse: "Se o que o orador disse esta noite não for verdade, não importa; mas se for verdade, então nada mais importa."

Senti que nós, que viemos de terras estrangeiras, deveríamos possuir, senão os sinais exteriores, ao menos o sentimento interior de sermos filhos e filhas adotivos da Índia, e deveríamos oferecer nossa mensagem como uma homenagem à terra que nos adotou; o respeito deveria caracterizar nossa postura; a Índia deveria ser o nosso lar, o seu futuro o nosso futuro, e nós seus servos por amor de Jesus.

"Suponho, afinal de contas," disse certa vez John Dewey, o humanista, durante uma visita educacional à China, "que vocês, missionários, estejam com a razão em tudo isso." E, de fato, estamos com a razão em tudo isso, pois esse tudo é Cristo.

No exato dia em que os revolucionários franceses estavam derrubando a imagem da Virgem da catedral em Paris, William Carey subia o rio Hoogly, a fim de fundar esse novo Reino na Índia; e esse Reino foi fundado sobre a luz do conhecimento. Ele publicou, publicou e tornou a publicar. Lançou os alicerces desse Reino, que vejo crescer diante dos meus próprios olhos na Índia. Não foi por acaso que os fundamentos da educação moderna na Índia foram lançados por missionários cristãos. Tampouco foi por acaso que noventa por cento das faculdades dos Estados Unidos foram fundadas por denominações religiosas. Cristo, em vez de ser derrubado pelo avanço do conhecimento, estava retornando justamente por meio desse conhecimento.

Uma grande parte da obra missionária fica por ser feita porque o missionário está absorvido no missionário e nos seus problemas. Perguntei a uma missionária que estava para ser enviada de volta ao lar: "Que pensa você ser a base do seu problema?" Ela respondeu-me: "Estou sentada sobre um barril de pólvora". Quando lhe perguntei qual era o barril de pólvora, ela respondeu: "Eu mesma. Sou duas pessoas: uma pessoa que não queria vir ao campo missionário e a outra que tinha medo

de se perder se não viesse". Eu lhe respondi: "Você não pode ser nenhuma dessas pessoas, pois ambas estão insatisfeitas. Você precisa se decidir a ser uma nova pessoa, diferente daquelas — precisa ser convertida". Ela concordou em que essa era a única saída. Essa é a única saída para todos, tanto no oriente como no ocidente. Não é de se admirar que um médico dinamarquês, trabalhando num campo missionário na África, me tenha dito que 99% dos missionários que voltam para casa o façam por causa de doenças emocionais e mentais. A mudança de clima não lhes adiantará, mas, a submissão a Deus sim.

O Caminho cristão é um caminho de cultivo, mas também de transmissão. Todos que o adotam sentem o impulso e a obrigação de compartilhá-lo. Se não há o desejo de compartilhá-lo, então a vida interior está morta ou moribunda, pois o impulso criativo está contido nessa nova vida, por sua própria natureza. O evangelismo, portanto, não é algo imposto. É inerente.

O evangelismo não está especialmente ligado a uma ocupação, embora certas pessoas sejam separadas para ele por vocação e ocupação. Não é uma ocupação, mas uma consequência.

É o resultado da natureza da própria vida. Inerente a toda a vida é o impulso de criar; a vida produz vida. Se não criar, morre.

Creio que o versículo que resume o evangelho cristão melhor do que qualquer outro seja este: "Deus em Cristo estava reconciliando consigo o mundo [...] e nos confiou a mensagem da reconciliação" (2Co 5.19). Deus estava reconciliando consigo as pessoas quando elas não queriam se reconciliar, e o preço que ele pagou para alcançá-las, apesar de todos os seus pecados, foi a cruz. O que Deus faz nós devemos fazer; devemos reconciliar as pessoas, mesmo que isso custe uma cruz, afinal, o principal objetivo do cristão deve ser reconciliar os outros. Devemos reconciliá-los em quatro sentidos: reconciliar a pessoa com Deus, reconciliar a pessoa com outra pessoa, reconciliar a pessoa consigo mesma e reconciliar a pessoa com a natureza. Essa reconciliação em quatro partes é o único objetivo do cristão; todo o resto é secundário. Se não estamos reconciliando os outros, não somos cristãos. O Caminho cristão é o caminho da reconciliação.

Assim que alguém encontra Cristo, há um impulso para que ache outra pessoa e a leve a Cristo. No primeiro capítulo de João, estão três

“achados”: André “acha” Pedro, Jesus “acha” Filipe, e Filipe “acha” Natanael. O evangelho é um evangelho de achados. Das quarenta curas nos Evangelhos, 33 foram de pessoas trazidas por outros.

Deus dá a semente apenas ao que a semeia. Se você não a semear, nada terá, para esse fim. Aqueles que não transmitem aos outros, esvaziam-se a si mesmos. Os convertidos convertem, ou não permanecem convertidos. A menos que você evangelize, não permanecerá evangélico.

A finalidade do evangelismo é produzir um evangelista. Você realmente não ganha uma pessoa enquanto não ajudá-la a ganhar outra para a conversão.

Um pastor anunciou do púlpito que a igreja devia homenagear a ratinha da igreja pois que havia criado quatro outros dentro da igreja e isto era muito mais do que o resto dos membros haviam feito. Mas na maioria das vezes esses fatos não correspondem à verdade. A igreja cristã, com todas as suas falhas, é a maior instituição a prestar serviços sobre a terra. Tem muitos críticos, mas não tem rivais no trabalho de redenção humana. Não há uma porção de terra, desde os gélidos polos às ilhas

tropicais dos mares, onde não levamos escolas, hospitais, asilos para leprosos, lares para os órfãos, igrejas, o Evangelho — tudo que ergue a alma, a mente e o corpo — a vida integral da raça humana. Nenhuma outra instituição fez qualquer coisa como isso — nenhuma, absolutamente nenhuma. O fato de a igreja ter sido capaz de sobreviver ao peso morto de uma grande proporção de seus membros não convertidos é uma prova de sua saúde e vitalidade inerente. Uma minoria convertida conserva a alma da igreja com vida. Devemos aumentar essa minoria para a maioria.

Talvez o maior obstáculo à conversão seja confundi-la com o proselitismo. Precisamos unir forças e juntos provocarmos uma revolução espiritual que transformará homens e condições. Precisamos agir de acordo com a teoria de que se você e eu pertencemos a Cristo, pertencemos um ao outro e devemos apresentar uma frente unida para o mundo. Ele é o Divino Sim que todas as pessoas precisam e buscam.

Há algum tempo, peguei uma frase que tem sido de valor incalculável para mim: "Evangelize o inevitável". Certas coisas são inevitáveis: não adianta reclamar delas — entre nelas e evangelize-as. O movimento trabalhista em

todo o mundo é inevitável. Na Inglaterra, eles mais ou menos o evangelizaram para que fosse muito cristão em seu espírito e perspectiva. Nós falhamos em fazer isso na América, de modo que o movimento às vezes caiu nas mãos de homens que eram anticristãos. Isso foi uma perda incalculável. Alguns anos atrás, vi que o Movimento Nacionalista na Índia era inevitável. Você não poderia espalhar tanta educação e ensino cristão pela Índia sem que houvesse uma revolta da alma exigindo autoexpressão e autocontrole. É tão inevitável quanto o amanhecer. Teríamos sentido que havíamos falhado se isso não tivesse acontecido. Quando vi a inevitabilidade disso, senti que havia apenas uma coisa a ser feita — entre no movimento e evangelize-o. Fique nessas correntes nacionais e coloque Cristo lá.

Um dos principais obstáculos no sucesso do esforço missionário em muitos campos estrangeiros é a desconcertante incongruência observada na vida dos que se proclamam cristãos, mas não falam ou agem como cristãos.

Na época da mais incrível prosperidade que o mundo já viu, as igrejas americanas estão gastando cada vez mais consigo mesmas e cada vez menos para sustentar aquela tênue

linha de representantes que estão nas fronteiras da necessidade humana.

Não basta dizermo-nos cristãos, se vivemos em fragrante contraste com as exigências espirituais e morais do cristianismo.

O fundamento da sociedade carece ser modificado: da insana competição em sincera colaboração.

O sexo me trará o céu ou o inferno. Hoje escolho: ele me trará o céu.

Não sou um reservatório. Sou, sim, um canal, um canal ligado aos mananciais inesgotáveis.

Senhor, não peço um tratamento especial; peço, sim, poder para receber bem qualquer tratamento e usá-lo.

A conversão é um milagre e uma realização. É o ato de um momento e o trabalho de uma vida. Não se pode alcançar a salvação por disciplina, é dom de Deus.

Quando você faz de Cristo o centro, você está convertido. Um psicologista definiu a conversão como sendo "o nascimento de uma nova afeição dominante pela qual a consciência de

Deus, até então marginal e vaga, se torna em foco e dinâmica". Deus estando na margem, alguma outra coisa está no centro: o eu, o sexo, o grupo, ou simplesmente o pecado. A vida é dominada por alguma coisa que não Deus. Deus entra na consciência de vez em quando como um intruso estrangeiro, perturbador, transtornador, pondo-nos em dificuldade. Então o senso de erros, de futilidade e de culpa nos leva a fazer com que esse centro falso se renda. Quando a rendição do eu tem lugar, Deus sai da margem e toma posse do centro. Ele já não é mais "marginal e vago"; Ele é agora o "foco e dinâmico". Ele está no centro e tudo mais O serve, e Ele é dinâmico: não mais opera da margem sobre nós, de maneira fraca. Ele agora opera dinamicamente: a Vida de nossa vida, o Amor de nosso amor, o Ser de nosso ser e a Alegria da nossa alegria. Como alguém disse: "Eu me exponho a tudo que é Seu". "Jesus é Senhor!".

A conversão pode ser definida como sendo a Vida impingindo-se sobre a vida, acordando-a, unificando-a, dando-lhe brilho, moralizando-a, fazendo-a "importar-se", pondo um novo entusiasmo em tudo, e fazendo-a amar. Como disse alguém: "Para um a conversão significa o matar a besta que existe dentro de si; para outro, ela traz a tranquilidade a uma

mente inquieta; para um terceiro, ela é a entrada para uma liberdade mais ampla e uma vida mais abundante; mas ela ainda é a reunião de forças no interior de uma alma que está em guerra". Para todos, ela significa Vida. Quando a conversão tem lugar, todos os nossos substantivos comuns se tornam em nomes próprios: tudo é capitalizado e elevado. Um novo interesse entra na vida.

Pensar em civilizar os homens sem convertê-los a Cristo é coisa tão temerária como pensar em transformar lobos em cordeiros apenas para lavá-los e cobri-los com um manto de lã.

Dois terços dos membros das igrejas pouco ou nada sabem acerca da conversão como uma experiência pessoal.

Há dois tipos de crentes: os que experimentaram a conversão horizontal e os que a tiveram no sentido vertical. A primeira é superficial, mas a segunda é profunda.

A conversão transforma o lodo e a lama da negligência humana em flor de lótus de caráter puro e criativo, milagre cabal.

O efeito da conversão é trazer uma atitude modificada em direção à vida, que é bem constante e permanente, apesar de os sentimentos flutuarem.

Num coração dividido jamais o Senhor habitará. Ele o quer todo para si.

Mas as palavras, como as pessoas, devem ser redimidas.

A vida cristã pode ser resumida numa sentença: "Pertença a Cristo, e a vida pertencerá a você".

Cristianismo é Cristo, e Cristo é a revelação final e absoluta de Deus.

A coroa da vida é o homem; a coroa do homem é Cristo; a coroa de Cristo é a Cruz!

Não sei o que o futuro me reserva, mas sei quem tem o futuro nas mãos.

Deixa nas mãos de Deus tudo quanto produza conflito interior. Renuncie o egocentrismo, a ansiedade, os temores, os ressentimentos, a hipersensibilidade e os sentimentos inferiores e de culpa.

As pessoas que vivem para si mesmas estão constantemente com a sensibilidade ferida. Esta sensibilidade é o aflorar de um subconsciente não convertido.

O "eu" é a única coisa que realmente possuímos; a única coisa que realmente levaremos conosco quando deixarmos este mundo.

O Espírito Santo é a ponte entre Jesus Cristo, a Palavra e os discípulos, a palavra tornada carne.

Quando a Igreja escuta o Espírito Santo, ela se torna fecunda. Novos movimentos nascem.

Se o Espírito Santo pode assumir o controle do subconsciente com nosso consentimento e cooperação, então temos um Poder Todo-Poderoso trabalhando na base de nossas vidas, então podemos fazer qualquer coisa que devemos fazer, ir a qualquer lugar que devemos ir e ser qualquer coisa que devemos ser.

Um cristianismo sem o Espírito Santo não contagia. Não tem o *mais* que transforma a fé contida em fé contagiante. Nosso cristianismo pode ser contido — contido dentro de nós como um conforto, um refúgio, uma crença, uma esperança, uma inspiração. É

bom, mas não bom o suficiente. Nada é nosso que não deva ser compartilhado; nada é nosso que não possa ser transmitido e duplicado em outras vidas. Nada realmente vive que não possa ser capaz de dar vida. Afinal, a finalidade da vida é a procriação dela mesma.

A fé cristã é uma coisa para redimir o caráter, transformar homens maus em bons, fracos em fortes, e para transformar a natureza e a sociedade humana.

Sê sadio em tua saúde; forte em tua fortaleza; e livre em tua liberdade.

O credo de hoje torna-se a ação de amanhã.

A única coisa em que você acredita é aquela em que você acredita o suficiente para praticar. Seu credo é sua ação.

Aquilo em que nos concentramos determina o que nos tornamos.

O caminho de Damasco é o rumo da glória.

A Graça me comprou. A Graça me ensinou. A Graça me prendeu. Agora a Graça me possui.

Uma cascavel, se encurralada, ficará tão brava que se morderá. É exatamente isso que abrigar ódio e ressentimento contra os outros é — morder a si mesmo. Achamos que estamos prejudicando os outros ao guardar esses rancores e ódios, mas o dano mais profundo é para nós mesmos.

Há duas maneiras de ser rico: uma na abundância de suas posses e outra na escassez de seus desejos.

Quando falamos sobre o que acreditamos, nós dividimos. Quando falamos sobre em quem acreditamos, nós unimos.

A fé não é apenas você se apegando a Deus — é Deus se apegando a você.

Muitas vezes, quando não tenho fé na minha fé, tenho que ter fé na fé Dele. Ele me faz acreditar em mim mesmo e nas minhas possibilidades, quando eu simplesmente não consigo. Tenho que me elevar à fé Dele em mim.

Um médico da Johns Hopkins diz que "não sabemos por que os preocupados morrem mais cedo do que os não preocupados, mas isso é um fato". Mas eu, que sou simples de mente,

acho que sei que somos construídos internamente, em nervos, tecidos, células cerebrais e alma, para a fé e não para o medo. Deus nos fez assim. Portanto, a necessidade de fé não é algo imposto a nós dogmaticamente, mas está escrito em nós intrinsecamente. Não podemos viver sem ela. Viver pela preocupação é viver contra a Realidade.

Vejo que sou interiormente moldado para a fé e não para o medo. O medo não é minha terra natal; a fé é. Sou feito de tal forma que a preocupação e a ansiedade são areia na maquinaria da vida; a fé é óleo. Vivo melhor pela fé e pela confiança do que pelo medo, pela dúvida e pela ansiedade. Na ansiedade e na preocupação meu ser está ofegante por ar — estes não são meu ar natural. Mas na fé e na confiança eu respiro livremente — estes são meu ar nativo.

Jesus sempre dizia que sem fé a vida entra em colapso, mas com fé você pode remover montanhas, você pode fazer qualquer coisa consigo mesmo e com os outros. Portanto, Ele sempre pedia aos homens que deixassem de lado o medo e adotassem a fé. No meio de um mundo cheio de medos, Ele estava constantemente dizendo a todas as classes de pessoas: "Não temam, creiam somente."

A dúvida paralisa; a fé cria. A fé é, portanto, a atitude normal da alma. A dúvida é a negação da vida; a fé é a sua afirmação. Quando alguém tem a atitude de fé está no terreno do que se pode chamar iniciativa. As coisas acontecem em torno de tal pessoa. Elas se tornam, moral e espiritualmente, contagiosas. Porque a finalidade de achar o Espírito não é uma experiência, mas uma expressão. O Pentecostes não é o término, mas o início da vida religiosa. Não é um fim em si, mas um meio.

Ao começar a vida, você precisará de cinco coisas: (1) Uma fé pela qual deverá pautar a sua vida; (2) uma causa à qual possa servir; (3) uma comunhão na qual a fé possa ser nutrida e por meio da qual a causa possa ser servida; (4) a decisão de aceitar essa fé, servir a essa causa e participar dessa comunhão; (5) uma vida dedicada a essa fé, a essa causa e a essa comunhão. Portanto, aqui e agora, aceite essa fé — Cristo. Entregue-se a essa causa — o reino de Deus. Participe dessa comunhão — a igreja — com total dedicação.

A ordem é: primeiro a fé, então o fato, depois o sentimento. Você se entrega pela fé e acredita que ele aceita sua oferta, com ou sem sentimento. Você começa a agir como se a fé se

transformasse em fato, e o fato em sentimento.

Sua capacidade de dizer “Não” determina sua capacidade de dizer “Sim” a coisas maiores.

O principal objetivo da vida é encontrar o plano de Deus para sua vida e vivê-lo.

Esteja tão preocupado com a boa vontade que não haja espaço para a má vontade.

Jesus me encontrará hoje na pessoa de alguém necessitado. Não posso perdê-lo.

O amor de Deus me invade, a paz de Deus me permeia, a vontade de Deus me persuade, e eu sou totalmente Dele.

Se você não se rende a Deus, não pense que você não se rende. Todo mundo se rende — a alguma coisa.

Para falar com Deus, nenhuma respiração é perdida. Continue falando! Para andar com Deus, nenhuma força é perdida. Continue andando! Para esperar em Deus, nenhum tempo é perdido. Continue esperando!

A Bíblia redireciona minha vontade, limpa minhas emoções, ilumina minha mente e acelera todo o meu ser.

A Bíblia é a janela para o coração cheio de graça de Deus.

Nós amamos a Bíblia, nós a honramos, nós a assimilamos, pois ela nos conduz aos pés de Cristo. Mas a Bíblia não é a revelação de Deus. É o registro inspirado da revelação. A revelação foi vista no rosto de Jesus Cristo. Jesus disse: "Vocês estudam cuidadosamente as escrituras, porque pensam que nela vocês têm a vida eterna. E são as Escrituras que testemunham a meu respeito; contudo, vocês não querem vir a mim para terem vida" (João 5.39,40). "Pensam que nela vocês têm a vida eterna". A vida eterna não está nas páginas da Bíblia; está em Cristo, que se revela por meio das páginas. A Palavra não foi escrita com tinta de impressão. A Palavra fez-se carne, não uma página, mas uma Pessoa. [...] A Pessoa é maior do que o produto. Amamos e honramos o produto, mas só porque ele nos conduz aos pés de Jesus e a uma lealdade a ele. O que é maior do que a Bíblia está aqui.

O evangelho começa com Jesus, não com Deus. Além de Jesus, você sabe pouco ou nada

sobre Deus, e o que você sabe está errado. Se você não vê Deus no rosto de Jesus, você vê algo diferente de Deus — e diferente. Jesus é a autorrevelação de Deus: Deus nos encontrando em forma compreensível, forma humana, a Palavra feita carne. Deus é um Deus semelhante a Jesus.

Todo vir a Jesus tem a sensação de retorno ao lar. Todo se afastar Dele tem a sensação de estranhamento. O jovem rico se afastou de Jesus "triste". Todo mundo se afasta. Não apenas de Deus, mas também de si mesmo. E do universo! E da vida! Você não está em casa com a vida, a menos que esteja em casa com a Vida. E Jesus é Vida!

Nada é realmente seu até que você compartilhe.

Não espere que algum milagre seja realizado em você de fora, elevando-o acima de seus medos, dúvidas e egocentrismo. Você ajuda Deus de dentro, voltando-se em amor expansivo para os outros, e milagrosamente seus medos, dúvidas e egocentrismo desaparecerão. O milagre começa de dentro, não de fora.

Enquanto o amor assume tarefas impossíveis, ele descobre que o amor alivia todas as cargas.

É o mesmo fardo que as asas são para um pássaro, que as velas são para um navio. Nada é difícil se feito por amor. O jugo do amor é fácil; o jugo do dever é duro. Há toda a diferença do mundo entre ser atraído pelo amor e ser impelido pelo dever. A tarefa pode ser a mesma, mas o amor torna tudo leve, e o dever torna tudo penoso.

Você para de se mover para dentro de si mesmo, para longe dos outros. Você desiste do seu antagonismo. Você começa a se mover em direção aos outros em amor. Deus se moveu em direção a você em amor gracioso e expansivo, e você se move em direção aos outros nesse mesmo amor expansivo.

Devemos dar amor e somente amor, porque somos levados pelas qualidades que damos aos outros. Quando damos amor, somos mais amorosos; quando damos ódio e crítica, teremos mais ódio e mais crítica. Mas alguém dirá: "Suponhamos que não aceitem amor. Que fazer?" Dê mais, despeje amor.

Como pode Deus converter nossos amores? Ordenar-nos que amemos? Isto seria a Palavra transformada em moralidade. Mostrar-nos como o ódio produz consequências más e

o amor boas? Isto seria a Palavra transformada em Filosofia. Estabelecer leis e regulamentos que ordenassem a vida comunal? Isto seria a Palavra transformada em instituição. Em todas elas a Palavra se tornou palavra. Todas elas são aquém da Verdade. A Palavra deve transformar-se em carne.
[...] Só na cruz nosso amor pode ser redimido. Uma dissertação sobre a beleza do amor nos deixaria frios; uma exortação ao amor não nos comoveria; uma ordem para amar nos deixaria insubmissos. A cruz nos derrota, quebra pela penitência nosso amor em mil fragmentos e então os refaz à imagem de seu próprio amor. O amor junto à cruz produz amor em nós. Começamos a amá-lo e, amando-O, nossos amores menores se redimem naquele seu amor verdadeiro.

Ele tomou a cruz para nos amar. E aquela cruz era amor ilimitado. Era a graça de Deus em ação. Não havia outro caminho para nos converter, a não ser morrer por nós. Não é de admirar que "O símbolo da fé cristã" não é um arbusto ardente, nem uma pomba, nem um livro aberto, nem uma auréola ou halo envolvendo o semblante submisso de alguém, nem esplêndida coroa em honrosa cabeça. É uma cruz. Não poderia ser nada mais. Pois a cruz é

suprema em amor. A cruz quebranta-me, sucumbe-me, transpassa-me em amor.

A Bíblia diz que "o fruto do Espírito" inclui "amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio". Observe que o trecho começa com "amor" e termina com "domínio próprio". A gênese das virtudes cristãs não é o dever, mas o amor. Praticamos essas virtudes não porque o dever nos compele, mas porque o amor nos impele. E esse amor resulta em "domínio próprio". O domínio do Espírito termina em domínio próprio. Domínio próprio não é o domínio que reprime as coisas, mas um domínio que provém da entrega do eu ao Espírito Santo. Então, os desejos menores são absorvidos pelos desejos mais elevados, e nós realizamos o que é mais elevado porque amamos as coisas mais elevadas.

Não preciso mencionar todos os outros elementos que constituem os frutos do Espírito que o estímulo de Cristo produz e intensifica. Benignidade, que é amor atuando nas pequenas coisas; bondade, que é amor em relação à lei moral, e o bem que retorna em bem para nós mesmos; fidelidade, que é o amor sem hesitação; a mansidão, que é amor cumprindo-se a si mesmo — "nunca se irrita"; domínio

próprio, que é o domínio por Cristo e, consequentemente, o domínio próprio. Todos os outros sistemas são sistemas éticos. A fé cristã coloca o amor em primeiro lugar e o domínio próprio em último, um subproduto do domínio.

A maior área de queda é a queda no amor. Pode ser tão sutil; tudo permanece da estrutura do cristianismo — fé em Deus, crença em Cristo, fidelidade em assistir aos cultos, contribuições em dinheiro, código moral intacto — tudo, menos o amor. Quando o amor morre, morre a vida. A estrutura é um cadáver correto, bem vestido, bem adornado como se adorna um defunto, mas de qualquer modo um defunto.

A mente consciente determina as ações, a mente inconsciente determina as reações; e as reações são tão importantes quanto as ações.

Cristo está em todo lugar e Ele está em mim. O que mais eu quero, exceto mais Dele?

Passar do afastamento de Deus para ser um filho de Deus é o fato básico da conversão. Esse relacionamento alterado com Deus lhe dá um relacionamento alterado consigo mesmo,

com seu irmão homem, com a natureza, com o universo.

Nossas intenções podem ser muito boas, mas, como a inteligência é limitada, a ação pode acabar sendo um erro — um erro, mas não necessariamente um pecado, pois o pecado surge de uma intenção errada.

Quando conheci Cristo, senti que tinha engolido a luz do sol.

Vida abundante significa doação abundante.

Uma mão perfurada por pregos segura o cetro do universo, e meus joelhos se dobram diante dele.

O universo não faz sentido sem Deus.

Só preciso ser fiel ao que há de mais elevado que conheço: o sucesso ou o fracasso está nas mãos de Deus.

Na conversão, você não está apegado principalmente a uma ordem, nem a uma instituição, nem a um movimento, nem a um conjunto de crenças, nem a um código de ação — você está apegado principalmente a uma Pessoa e, secundariamente, a essas outras coisas.

O poder espiritual vem da comunhão interior com Deus e do abandono aos seus propósitos.

O dia mais escuro e o dia mais brilhante da Terra tiveram apenas três dias de diferença.

Reconheça o negativismo e as atitudes de inferioridade como inimigos — não tente vesti-los como seus amigos. Você será tentado a olhar para o negativismo como prudência e as inferioridades como humildade. Tire essas capas falsas e veja essas atitudes em sua nudez — como inimigas de você e de suas possibilidades.

Em nossos Ashrams do Leste e Oeste, lugares de retiro espiritual, começamos com o que chamamos de "A Manhã do Coração Aberto", na qual contamos nossas necessidades... Dedicamos quatro ou cinco horas a essa catarse. A reação de um membro, que a ouviu pela primeira vez, foi: "Meu Deus, temos todas as pessoas perturbadas do país aqui?" Minha resposta foi: "Não, você tem uma seção transversal da vida da igreja honestamente revelada." Na igreja comum, ela é suprimida pela respeitabilidade, por um desejo de parecer melhor do que realmente somos.

Viver de preocupação é viver contra a realidade.

Suponha que você falhe. Isso é tão terrível? Não ter tentado é um fracasso pior.

As leis morais do Universo estão profundamente enraizadas na constituição das coisas. Nós não as quebramos — nós nos quebramos sobre elas.

Muitos vivem com medo do que está por vir. Por que deveríamos? O desconhecido coloca aventura na vida. ... O inesperado ao virar da esquina dá uma sensação de antecipação e surpresa. Graças a Deus pelo futuro desconhecido.

Tudo o que acontece comigo pode me ajudar na minha vida cristã.

Deus não tem netos.

Se você encontrar algo na Palavra que o cativa, passe para alguém naquele mesmo dia.

Um Cristo reduzido é o mesmo que um Cristo rejeitado.

Devemos continuar a perseguir o pensamento de que não pertencemos apenas ao Reino — o Reino nos pertence.

Eu me rendi a Deus; portanto, não me rendo a mais nada.

Devemos estar dispostos a ser guiados por Deus, não apenas de vez em quando, mas como uma proposta de vida.

Seja vitorioso em casa e você será vitorioso em todos os lugares.

O cristianismo não apenas salva você do pecado, mas também do cinismo.

O caráter é supremo na vida, por isso Jesus foi supremo na coisa suprema — tão supremo que, quando pensamos no ideal, não acrescentamos virtude à virtude, mas pensamos em Jesus Cristo, de modo que o padrão da vida humana não é mais um código, mas um caráter.

Seja qual for o nosso credo, ficamos admirados diante do caráter sublime de Jesus.

Alguns disseram que o poder de um Redentor dependeria de duas coisas: primeiro, da riqueza do eu que foi dado; e segundo, das profundezas da doação. Amigos e inimigos concordam igualmente sobre a questão do caráter de Jesus Cristo.

Implantar medo na mente das crianças é um crime. Se os pais tentam governar a criança pelo medo, então o medo governa a criança.

Deus, para nos redimir na porção mais profunda de nossa natureza — o desejo de amar e ser amado — deve revelar Sua natureza de uma forma incrível e impossível. Ele deve revelá-la em uma cruz.

Uma hora passada na presença de Deus traz a mais pura alegria conhecida pelo homem.

A maior alegria da vida vem de conhecer e ser conhecido por Deus.

A alegria é o resultado da presença direta de Cristo, de um sentimento de bem-estar nEle e um sentimento de conformidade para tudo que vier.

Qual é o segredo da alegria neste universo? Quem são as pessoas felizes e infelizes? Posso

lhes dizer numa única frase. As pessoas mais infelizes no mundo são aquelas que nada fazem por ninguém, em qualquer lugar. Elas estão desemaranhadas — assim pensam. Mas ao invés de se tornarem desemaranhadas, emaranham-se em sua própria infelicidade.

Quando o cristão não encontra alegria por causa dos acontecimentos, ele sempre pode encontrar alegria apesar deles.

A pessoa mais feliz que já conheci na vida foi uma mulher moribunda. Quando estava morrendo ela chegou a bater palmas de alegria. Chegou a fazer piadas: "Literalmente, a morte me faz cócegas." Muitas pessoas se converteram ao lado de sua cama, inclusive seu próprio filho. Quando as pessoas saíam, eu me ajoelhava ao lado de sua cama. Não conseguia orar por ela, mas ela orava por mim. Ela colocava sua mão sobre a minha cabeça e orava para que eu pudesse pregar o evangelho da alegria, diante da vida e da morte. Agora sou ordenado. Mas a mais poderosa ordenação que recebi não foi a de um bispo, mas de uma mulher moribunda. Quando me levanto para pregar, posso sentir sua mão sobre a minha cabeça, ordenando-me a pregar o evangelho da alegria, apesar da vida e da morte.

A felicidade não vem até você; você se junta à felicidade no caminho para fazer algo pelos outros.

Onde o pecado abundou em mim, a graça agora abunda muito mais. Eu vivo por esse "muito mais".

Eu nunca disse que o caminho de Cristo é fácil. Você está preparado para abrir mão de tudo que Ele não aprovaria?

A vida é suprida com uma adequação básica.

O oponente lhe dá um golpe na bochecha, e você o golpeia no coração com sua incrível audácia espiritual em dar a outra face. Você arranca a ofensiva dele ao se recusar a pegar suas armas, mantendo as suas, e golpeando-o em sua consciência de um nível mais alto. Ele lhe dá um golpe físico, e você o golpeia espiritualmente.

Quem nunca viu uma mulher frágil, do tipo videira apegada, que após a morte do marido se enrijece e se torna um carvalho, em torno do qual os filhos em crescimento entrelaçam suas vidas, e são eternamente gratos por tal mãe? Mas essa força nunca teria surgido e se desenvolvido se não fosse pelas lágrimas que

regaram a videira e a transformaram em um carvalho.

Descobri que todo verdadeiro trabalho evangelístico começa no evangelista. Em todo o mundo, o problema do trabalho cristão é o problema do obreiro cristão.

O mundo está esperando o cristão que tenha clareza sobre o Evangelho.

A única maneira de conhecer Jesus é através da comunhão de Seus sofrimentos.

O Evangelho não é um peso a ser levantado, mas asas para voar.

A maneira mais forte de se apegar à inspiração das Escrituras é se apegar à Pessoa. Devemos chamar os homens não à lealdade a uma crença, mas à lealdade a uma Pessoa. Podemos ser leais a uma crença e estar mortos espiritualmente, mas não podemos ser leais a essa Pessoa e não estar vivos espiritualmente. Jesus cria a crença. Ele é o grande Crente, e à luz de sua fé radiante não podemos deixar de acreditar. Mas não obtemos Jesus de nossas crenças, obtemos nossas crenças de Jesus. E elas devem necessariamente estar sob constante correção por sua mente e espírito.

A essência do divino é a humildade. O primeiro passo para encontrar a Deus é destruir nosso orgulho. Sim, quando a vaidade finda, o poder começa.

Tenho a maior segurança, porque posso tornar o mal em benefício, e fazer que ele sirva às finalidades para as quais vivo!

O medo paralisa todo esforço. Ninguém está em sua força quando se sente atemorizado. Jesus nos fala da semente que foi sufocada pelos cuidados (Lc 8.14).

Acautele-se contra as meias-verdades. Você pode ter se apropriado, exatamente, da metade falsa.

Sei que Deus faz milagres, mas não os faz de sobra. Isso nos faria preguiçosos.

O centro da conversão é a conversão da vontade. observe o filho pródigo dizer: "Levantar-me-ei... irei... direi... pequei..." — tudo se centraliza na vontade.

Quando me vejo tentado a abandonar minhas tarefas, Aquele Homem Estranho, sobre Sua cruz, me faz mudar de ideia.

Vencerei o mal com o bem, as trevas com a luz, o ódio com o amor.

O grande problema não é só eliminar a tinta da culpa e do pecado, mas a lembrança deles. Na química divina do sangue de Cristo, ambos se apagam — o pecado e a lembrança do pecado.

Cristo odeia o pecado, mas ama o pecador.

A virtude central do cristianismo é o poder do perdão.

O Natal é o festival de Deus conosco. O Pentecostes é o festival de Deus em nós. Ele está mais conosco do que em nós? Passeie pela Palestina e você descobrirá que a Igreja Cristã se apegou a quase todos os eventos importantes do Antigo e Novo Testamento e os comemorou com a construção de um santuário cristão. Mas nenhum foi erguido em comemoração ao próprio aniversário do cristianismo, o Pentecostes. Parecia muito remoto para comemorar? De qualquer forma, seja qual for a causa, há, no cristianismo, um acorde perdido, e esse acorde perdido nos assombra. Até que o recuperemos, nossas vidas espirituais serão mais

melancólicas do que encantadoras, mais lamentosas do que apaixonadas. Esse acorde perdido é o Pentecostes.

Pentecostes significa poder. Poder de perdoar injúrias, de conservar o espírito sem azedume no meio das maiores injustiças, de vencer o mal com o bem, o ódio com o amor e o mundo com a cruz.

Alguns dos fenômenos do Pentecostes foram transitórios, mas dois fatos são permanentes: purificação crescente do coração e poder de ser testemunha de Cristo.

Um bispo perguntou a um homem de pouco preparo por que era continuamente solicitado para pregar a grandes auditórios. A resposta foi: "Sou um homem pequeno, mas tenho um Deus muito grande!"

No coração do homem, um grito. No coração de Deus, a provisão.

Nosso evangelho não termina num cadáver, mas num Conquistador; não numa tumba, mas numa vitória.

Ritos e cerimônias colocam-se entre Deus e mim, e se tornam um ídolo, a não ser que me conduzam a Cristo.

Ninguém se salva por um rito ou cerimônia. Salva-se por um Salvador.

O silêncio é importante para nossa vida física e espiritual, e, nas horas devocionais, ele é primordial.

O enigma do sofrimento tem a idade do próprio sofrimento.

O cristão não tem o direito de ir a qualquer lugar aonde Deus não possa ir com ele.

A vitória pode ser alcançada pelas armas; estas, porém, jamais alcançarão a paz mundial.

Só enxergamos o começo do princípio. A visão de Deus, contudo, abrange todas as dimensões. Ele vê o fim desde o princípio.

A palavra de ordem entre os hebreus era Misericórdia; entre os gregos, Luz; na Índia, Devoção; no cristianismo é Vida. A palavra de ordem do cristianismo é Vida porque nosso evangelho é fundamentado em vida e produz vida.

O eu muitas vezes esconde-se nas sombras do inconsciente.

Os egocêntricos são os que destroem a si mesmos.

Preocupação é pecado contra o cuidado amoroso do Pai.

Quando ouvimos a Deus, as pessoas nos ouvem.

"O cristianismo é a única religião que não joga nada fora" — incluindo frustração, dor e sofrimento. Jesus disse aos seus discípulos: "Reúnam os pedaços que sobraram, para que nada se perca." Ele redime não apenas as almas humanas, mas também os fragmentos que sobraram quando a vida se despedaça sob os golpes do sofrimento, da tristeza e da frustração.

A maior parte do cristianismo ainda não se moveu para o Novo Testamento. É pré-cristão e sub-cristão. Não assumiu o cerne de sua própria mensagem — o Reino de Deus.

O cristianismo é a luz da lua, de segunda mão, construído ao longo dos séculos; Cristo é luz

do sol, de primeira mão, não construído ao longo dos séculos, mas revelado desde a eternidade — a revelação do significado de Deus, do homem e da vida. Nossa comunhão deve ser em torno do primeiro, em torno do sol, se for real. Nossa comunhão deve ser em torno de Cristo — o primeiro.

Para sermos universais, não precisamos ser menos cristãos. Pois a pessoa verdadeiramente cristã é a pessoa mais universal do mundo. Ela se torna mais universal quando se torna mais cristã.

A única posse perfeita da Igreja Cristã é Jesus Cristo. Ele é único não apenas na ausência de pecado, mas na perfeição das virtudes morais que se encontram Nele — cada virtude equilibrada por sua virtude oposta; Sua passividade equilibrada por Sua militância; Sua renúncia ao mundo com Sua participação no mundo; Sua abnegação com Sua autoafirmação; Seu amor a Deus com Seu amor ao homem; Sua grandeza moral com Sua humildade; Sua maestria com Sua atitude de servo de todos; Sua pureza com Sua acessibilidade; Seu misticismo com Seu serviço prático; Sua terribilidade com Sua ternura; Sua lei com Sua graça. Ele é o Cristo Único. E... Sua mensagem do Reino de Deus é única. Simplesmente não há

nada parecido no horizonte. Ainda podemos ser missionários de tal Cristo e de tal Reino.

Se a igreja desta era se casar com o espírito desta era, então na próxima geração ela será uma viúva. Pois esta geração de secularismo será sucedida por outra geração de secularismo com sua cultura, sua linguagem e sua perspectiva. Pois o secularismo não tem base fixa; é o resultado de impulsos que fluem e refluem e seguem o caminho das pressões. Devemos estar fixos em algo universal e atemporal. Há duas coisas que são universais e atemporais: realidade e amor. Quando você tem realidade e quando aplica essa realidade pelo amor, você é universal e pode falar a qualquer era e está em casa em qualquer era e é vital em qualquer era.

Quando uma tempestade atinge uma águia, ela posiciona suas asas de tal forma que as correntes de ar a enviam acima da tempestade, utilizando sua própria fúria. O conjunto de asas faz isso. O cristão não é poupado das dores, tristezas e doenças que vêm sobre outras pessoas, mas ele recebe um conjunto interno do espírito pelo qual ela se eleva acima dessas calamidades pela própria fúria das calamidades.

Há quatro pilares sobre os quais o evangelho de Cristo repousa: sua Vida, sua Cruz, sua Ressurreição e sua Vinda às vidas de homens e mulheres — Pentecostes. O evangelho repousa sobre todos os quatro. Tire qualquer um e você terá um evangelho aleijado — um evangelho insuficiente para atender às necessidades humanas.

No hinduísmo, acredito que há cinco sementes vivas: (1) Que a realidade suprema é o espírito. (2) O senso de unidade que atravessa as coisas. (3) Que há justiça no coração do universo. (4) Uma paixão pela liberdade. (5) O tremendo custo da vida religiosa. Não acredito que o mundo possa se dar ao luxo de perder essas cinco coisas tão profundamente arraigadas no pensamento e na vida da Índia.

O estoico suporta, o epicurista procura gozar, o budista e o hindu retiram-se, desiludidos, o muçulmano submete-se; mas somente o cristão exulta!

Cada sistema deve ser julgado por seus resultados, seus frutos. "O resultado é o critério." O que estamos tentando produzir? Os objetivos dos diferentes sistemas de pensamento e fé podem ser resumidos da seguinte forma: a Grécia dizia: "Sê moderado — conhece-te a ti

mesmo"; Roma dizia: "Sê forte — ordena-te"; o Confucionismo dizia: "Sê superior — corrige-te"; o Xintoísmo dizia: "Sê leal — suprime-te"; o Budismo dizia: "Desilude-te — aniquila-te"; o Hinduísmo dizia: "Sê separado — funde-te"; o Islamismo dizia: "Sê submisso — afirma-te"; o Judaísmo dizia: "Sê santo — conforma-te"; o Materialismo Moderno dizia: "Sê trabalhador — diverte-te"; o Diletantismo Moderno dizia: "Sê amplo — cultiva-te"; o Cristianismo dizia: "Sê semelhante a Cristo — entrega-te".

Se houve um princípio orientador que me sustentou nestes anos, foi este: Não há planos que não possam ser alterados se deixarem de ser vitais e reais, e não há convicções que não possam ser alteradas se uma luz mais plena vier.

Podemos ver claramente qual é o programa [de Jesus]. Esse programa é o Reino de Deus na Terra. Nessa concepção, ele anunciou uma ordem superior, fundada no amor, na boa vontade e na fraternidade, rompendo, transformando e, finalmente, deslocando a ordem mundial inferior fundada na ganância, no egoísmo, na exploração e na falta de fraternidade. Esse Reino é a ordem ou objetivo final da humanidade.

Quando analisamos o programa [de Jesus, estabelecido em Lucas 4], encontramos:
(1). Boas novas para os pobres — os deserdados economicamente.
(2). Libertação para os cativos — os deserdados social e politicamente.
(3). A abertura dos olhos dos cegos — os deserdados fisicamente.
(4). A libertação dos feridos — os deserdados moral e espiritualmente.
(5). O Ano do Jubileu do Senhor — um novo começo em escala mundial.
(6). O Espírito do Senhor sobre mim — a dinâmica por trás de tudo.

O que aconteceu foi que a Igreja Cristã foi conquistada por um guerreiro pagão. E a igreja se permitiu ser assim conquistada, pois esse ideal de Cristo não tinha posse de sua alma. Pela mesma razão, um bispo poderia chutar outro até a morte na catedral de Constantinopla para provar sua ortodoxia, e os monofisistas de Alexandre poderiam gritar: "Assim como tu dividiste, assim serás dividido", e então proceder para massacrar aqueles que acreditavam na natureza dual de Cristo para provar que a natureza de Cristo era una e indivisível. Essas coisas soam estranhas aos nossos ouvidos, mas é somente porque as

ideias do Sermão da Montanha estão reafirmando sua ascendência sobre nosso espírito e estão começando a voltar como centrais no pensamento do cristão. Mesmo agora, está longe de ser uma parte essencial do nosso pensamento cristão. No entanto, em muitos lugares, a ortodoxia do credo é vista como mais essencial do que a ortopraxia da ação. Nós saudamos esse ideal, mas não o levamos a sério. Nós o usamos para polêmica, mas não para prática. Fizemos como os oficiais britânicos fizeram em uma das batalhas da guerra Sikh: eles trancaram o general comandante em uma torre alta, trancaram a porta e então saíram e lutaram a batalha em seus próprios princípios. Nós trancamos esse ideal de Cristo em altas torres de reverência e respeito e então fomos lutar a batalha da vida em nosso próprio caminho, em nossos próprios princípios, ou na falta deles — para nosso desastre.

Os princípios estabelecidos no Sermão da Montanha são leis estrangeiras? São algo para o qual não fomos feitos? Pareceria assim — à primeira vista. Chesterton diz que na primeira leitura você sente que ele vira tudo de cabeça para baixo, mas na segunda vez que você lê, descobre que ele vira tudo de cabeça para cima. Na primeira vez que você lê, você sente que é impossível, na segunda vez, você sente

que nada mais é possível. Quanto mais eu ponderei sobre esse modo de vida, mais me convenci de que, em vez de todas as impossibilidades morais que estão no Sermão da Montanha, como muitas vezes pensamos, o fato é que todas as possibilidades morais estão aqui, e todas as impossibilidades estão fora.

Insistimos que o que chamamos de experiência cristã é uma necessidade absoluta e que sem aquilo que o Pentecostes fornece não podemos ser cristãos em nenhum sentido vital. Isso é verdade. Mas deve ser lembrado que por trás do Pentecostes estava o Sermão da Montanha. Quando os discípulos receberam o reforço divino, ele correu para esses canais de conduta. O Pentecostes tinha o conteúdo do Sermão da Montanha e, portanto, o poder manifestado era cristão. O Pentecostes divorciado do Sermão da Montanha é encantamento espiritual em vez de poder espiritual.

O Sermão da Montanha é praticável, pois o Homem que primeiro falou essas palavras as praticou e a prática delas produziu um caráter tão belo, tão simétrico, tão convincente, tão exatamente o que a vida deveria ser, que ele é tão inescapável no reino moral quanto a força da gravidade é no físico.

O Sermão da Montanha parece perigoso. Ele desafia toda a concepção subjacente sobre a qual a sociedade moderna é construída. Ele a substituiria por uma nova concepção, a animaria com um novo motivo e a transformaria em direção a um novo objetivo.

Há algo além no Sermão da Montanha que assusta e apavora a mente legalista. Parece não haver limite para o dever — a primeira milha não é suficiente, ele andará duas; o casaco não é suficiente, ele dará a capa também; amar os amigos não é suficiente, ele amará os inimigos também. Chegue a isso com a mente legalista e é impossível e absurdo; chegue a isso com a mente do amante e nada mais é possível. A atitude do amante não é de dever, mas de privilégio. Aqui está a chave para o Sermão da Montanha. Nós o erramos completamente se o vemos como o mapa do dever do cristão, em vez disso, é o mapa da liberdade do cristão — nossa liberdade de ir além, de fazer o que o amor impele e não meramente o que o dever obriga.

Não podemos ser livres, fazendo o que bem entendemos, mas, sim, fazendo o que devemos.

Os renunciados em espírito ganham o reino dos céus, os enlutados ganham o reino do conforto interior, os mansos ganham a terra. Então o mundo acima, o mundo interior e o mundo ao redor pertencem a tal humanidade. Não querendo nada, herdamos todos os mundos.

O Sermão da Montanha é possível porque o Companheiro do Vale está com você e em você. Essa Companheirismo, no entanto, não é meramente um conforto, é um desafio.

Deus não está confinado a este sistema para trazer seu Reino. Estou convencido de que ele pode ser o principal instrumento, mas não o único instrumento da vinda de seu Reino. Quando o mundo ocidental estava afundado em armamentos e a igreja parecia fazer parte daquele espírito de guerra, Deus estendeu a mão e agarrou Mahatma Gandhi e através dele nos deixou ver alguns dos significados subjacentes ao Sermão da Montanha... A Índia aprendeu a apreciar as ideias subjacentes ao Sermão da Montanha através de Mahatma Gandhi... Na medida em que o Mahatma captou o significado daquele Reino, nessa medida ele é uma parte daquele Reino. Mas o Reino de Deus julga Mahatma Gandhi assim como julga o resto de nós.

O Sermão da Montanha respira o ar do realismo em cada linha. Ao cortar a raiz do assassinato no lugar da raiva; a raiz do adultério no lugar do desejo; a raiz do falso juramento abolindo todos os juramentos; a raiz das guerras e conflitos proibindo toda vingança e todo ódio aos inimigos; a raiz de todo irrealismo e encenação em dar esmolas, orar e jejuar; a raiz de Mamon ao repudiar seu domínio; ao se livrar da ansiedade sobre o amanhã e viver para o hoje; ao deixar de ter atitudes críticas em relação aos outros e julgá-los; pela aplicação da Regra de Ouro à conduta humana; ao insistir em entrar na vida por meio da disciplina — entrando por um portão estreito; ao enfatizar que bons frutos só podem ser obtidos de boas árvores; ao resumir tudo na insistência de Cristo de que o homem que age em Seu caminho será um homem cuja casa é construída sobre a rocha e, portanto, será capaz de resistir à vida quando inundações e tempestades fizerem o pior — em todas essas coisas há realismo absoluto. Ele coloca tudo isso com um ar de finalidade: aceite ou deixe, mas esta é a maneira de viver.

A necessidade fundamental do coração humano é a redenção. A vida não é o que deveria ser. O "deveria ser" se opõe ao "é" e não nos

deixará descansar. Essa busca de resposta dentro de nós é a religião. E enquanto homens e mulheres quiserem ser melhores — não apenas mais sábios, mais felizes ou mais confortáveis, mas melhores — a religião permanecerá. O problema fundamental da religião é nos levar ao "deveria ser" — ela é fundamentalmente redentora.

Há quatro grandes alienações que se tornaram realidade na vida.
1. Há uma alienação do universo. Não estamos em casa em nosso ambiente físico.
2. Há uma alienação social. Ainda não aprendemos a viver juntos com os outros.
3. Há uma autoalienação. Estamos internamente em guerra conosco mesmos — uma tragédia incorporada.
4. Há uma alienação de Deus...
Spencer definiu a vida como resposta ao ambiente; se essa definição for precisa, então o homem não está vivendo até que a alienação do universo, a alienação social, a autoalienação e a alienação de Deus sejam eliminadas e estejamos reconciliados. Na base de cada uma dessas alienações não há nada menos que o pecado... Como essa alienação pode ser removida e a reconciliação ocorrer? Não consigo ver como posso fazer a ponte entre as coisas

do meu lado. Deus deve tomar a iniciativa. Ele tomou — e toma.

Temos pecado contra [estes] três fatos: (1) a lei moral impessoal — pecamos contra a estrutura moral do universo, quebrando a nós mesmos em nossa tentativa de pecar contra os fatos morais e escapar impunes. É uma humanidade ferida — ferida por nossas próprias loucuras e egoísmos. (2) Pecamos contra o amor pessoal de Deus que está faminto nos famintos, nu nos órfãos e esmagado nos explorados, e ferido em toda ferida da humanidade. (3) Pecamos contra nós mesmos. Nosso pior inimigo não tem sido a natureza, mas nós mesmos. A humanidade está sofrendo mais de feridas auto infligidas do que de qualquer outro tipo.

As pessoas não conseguem se relacionar bem umas com as outras porque não conseguem conviver bem consigo mesmas, e não conseguem conviver bem consigo mesmas porque não conseguem se relacionar bem com Deus.

O Reino de Deus mantém o campo como a única possibilidade de trabalho, isto é, se quisermos ser religiosos e desejarmos ao mesmo tempo ser religiosos com um conteúdo de reconstrução individual e social. É possível ser

religioso sem o conteúdo e a estrutura do Reino de Deus — podemos fazer da religião comunhão com Deus, à parte de qualquer reconstrução social — mas se desejarmos também a reconstrução social, então o Reino é inevitável.

Quando vemos o Reino de Deus olhando para nós através dos olhos de Jesus, então sabemos que estamos cara a cara com o Fato final — algo que é válido no céu e na terra, e para o tempo e a eternidade. Se Jesus Cristo não é a Chave para Deus e o homem e para a organização dos relacionamentos humanos, então não há chave.

O Reino e Cristo são sinônimos — nele a ordem absoluta e final de Deus nos confronta com a exigência imperiosa, "Arrependam-se". A Ordem Absoluta nos encontra na Pessoa Absoluta, e a obrigação imposta a nós é absoluta — "Rendam-se". Ao nos rendermos, nos encontramos em obediência ao modo final de vida.

O medo é a areia no maquinário da vida.

A vida para mim não tem sido uma luta. Tem sido, e é, uma Canção. A luta tem sido somente quando me afasto do Seu Caminho. Somente

quando pulei os trilhos do Seu Caminho e trombei com os laços da minha própria vontade, destruindo a mim mesmo e à minha situação, é que tive uma luta, uma luta para voltar aos trilhos, para voltar ao Caminho para viver — a sua vontade. Quando estou na sua vontade, a vida não é uma luta: é uma Canção.

A conversão a Cristo significa um retorno de um modo de vida não natural e estrangeiro para o modo de vida verdadeiramente natural. A mudança chamada conversão, ao destronar a falsa vida não natural do pecado e ao nos dar uma infusão da vida de Cristo, nos torna sobrenaturalmente naturais. O cristão é naturalmente alegre. Ele rirá — até de si mesmo. Ele agora não está suprimindo a natureza; ele está expressando a natureza, da maneira que Deus pretendia que a natureza fosse expressa.

Cristo é a ofensiva do amor de Deus que nos invade, nos redime. Ele nos invade na encarnação, em sua morte por nós, em sua ressurreição, ao entrar em nosso coração pelo Espírito.

O fato de que o pecado corrompe a natureza humana implica que ele é antinatural, pois, se fosse natural, por que corromperia a natureza

humana? Ele deveria engrandecê-la, fortalecê-la, satisfazê-la. Mas faz o posto. O pecado corrompe. Portanto, o pecado é aquilo para o qual não fomos feitos.

A única doença é a nostalgia. Há uma estranha nostalgia na humanidade, e a nostalgia que sentimos de Deus é responsável pela maioria de nossas outras doenças: mental, espiritual, física, coletiva.

Nas profundezas de cada alma, quer reconheça isto ou não, há uma "falta daqui" — uma nostalgia por Deus, a pátria de sua alma. Isto não é algo que se impõe à alma — está arraigado na própria estrutura. A marca d'agua no papel não é nele estampada — é uma parte de sua estrutura verdadeira. Assim nós somos criados por Cristo, para Cristo, e quando O encontramos, encontramos a nós mesmos.

A nossa vontade e a vontade de Deus não são diferentes. Elas se ajustam como a luz aos olhos, assim como verdade e consciência têm afinidade. Jesus disse que o homem vive "de toda palavra que procede da boca de Deus". Como o estômago e o alimento são feitos um para o outro, assim somos moldados em nossa natureza interior pela vontade de Deus, conforme expressa em suas palavras.

O mal é o bem prostituído.

Para ser cristão, você talvez tenha que abrir mão de algumas coisas, mas, para não ser cristão, você terá de abrir mão de tudo que vale a pena. Ao abandonar coisas por Cristo, abandonei somente aquilo que me diminuía, e, quando o recebi, recebi tudo que vinha para somar.

Uma é a moralidade da lei; a outra é a moralidade do amor. Uma é artificial; a outra é natural. Uma amarra; a outra liberta. Uma deixa a pessoa tensa e triste; a outra a deixa relaxada, espontânea e alegre. [...] Nosso código não é um mandamento, mas um Caráter, o caráter de Cristo.

O santo não é aquele que se esforça muito para ser bom, mas aquele que se rende à Bondade [de Deus].

A frase, "em Cristo" é a frase máxima na fé cristã, pois ela nos localiza em uma Pessoa — a Pessoa Divina — e nos localiza Nele aqui e agora. Ela nos leva ao relacionamento máximo — "em".

O desenvolvimento do caráter deve ser o propósito principal do Pai. Ele nos guiará, mas não nos anulará. Esse fato deve nos fazer usar com cautela o método de sentar com um lápis e uma folha de papel em branco para anotar instruções ditadas por Deus. Suponha que um pai ditasse ao filho tudo o que ele deve fazer durante o dia. A criança ficaria atrofiada. O pai deve ser guiado de tal maneira que o caráter, capaz de tomar decisões corretas por si mesmo, seja produzido. Deus faz o mesmo.

Cada passo que você dá para fora do Caminho significa desperdiçar três passos: o de ir para o lugar errado, o de voltar e aquele que você deveria ter dado na direção do Caminho.

Os primeiros cristãos não diziam com consternação: “Vejam o que o mundo se tornou”, mas com alegria: “Vejam o que veio ao mundo”.

Você pode abandonar pecados e, ainda assim, não ser cristão. Pois abandonar pecados não é um fim em si mesmo; é um meio de entrarmos em contato salvífico com Cristo. O Caminho não é negativo. Você não é cristão porque não faz isto ou aquilo. Você é cristão quando a vida está centrada em Cristo, e não em você.

Tudo pertence ao homem que não quer nada. Não tendo nada, ele possui todas as coisas na vida, incluindo a própria vida. Nada será negado ao homem que nega a si mesmo. Tendo escolhido ser completamente solitário, ele agora entra em posse do fato mais completamente social do universo, o reino de Deus.

Nenhum homem é livre até que esteja livre no centro. Quando ele se solta ali, ele é livre de fato. Quando o eu é renunciado, então a pessoa fica completamente desiludida, separada, sem pedir nada... Se algo lhe acontece, é tudo ganho puro. Então a vida se torna uma surpresa constante.

A melhor maneira de servir a Deus é servir aos outros.

O amor de Deus nunca se baseia em nosso desempenho; ele sempre se baseia em Seu caráter.

Adoração não é apenas um evento; é um estilo de vida.

Paz não é a ausência de problemas, mas a presença de Deus no meio deles.

O mundo não precisa de mais programas; precisa de mais pessoas dispostas a ser as mãos e os pés de Jesus.

Passar do afastamento de Deus para ser um filho de Deus é o fato básico da conversão. Esse relacionamento alterado com Deus lhe dá um relacionamento alterado consigo mesmo, com seu irmão homem, com a natureza, com o universo.

Somos personalidades em formação, limitadas e lutando com coisas muito altas para nós. Obviamente, na melhor das hipóteses, cometeremos muitos erros, mas esses erros não precisam ser pecados.

Se você não se rende a Deus, não pense que você não se rende. Todo mundo se rende — a alguma coisa.

Quando dizemos que começamos com Deus, começamos com nossa ideia de Deus, e nossa ideia de Deus não é Deus. Em vez disso, deveríamos começar com a ideia de Deus sobre Deus, e a ideia de Deus sobre Deus é Cristo.

A graça prende você com cordas muito mais fortes do que as cordas do dever ou obrigação podem prendê-lo. A graça é gratuita, mas

quando você a toma, você está preso para sempre ao Doador e preso a capturar o espírito do Doador. Semelhante produz semelhante. A graça o torna gracioso, o Doador o faz dar.

O Deus que encontro em Cristo é um Deus que vence o mal com o bem, o ódio com o amor e o mundo com uma cruz.

Já completei 84 anos de idade e em toda a minha vida tenho sido muito parcimonioso no uso do tempo. Não mantenho conversações sem sentido, nem faço "passar o tempo". Já perguntaram como consegui escrever 23 livros quando faço de duas a cinco conferências por dia. Isto é simples de explicar: disciplinei o meu tempo.

O mal da mente é o erro, o mal da emoção é o sofrimento, o mal da vontade é o pecado, o mal do corpo é a doença. E Deus quer banir o mal onde quer que ele se encontre.

Temos pensado que pregar é transformar em palavras. Mas agora percebemos que a palavra tem que primeiramente se tornar carne no pregador, precisa ser experiência dele. Temos de, não somente proclamá-la, mas encarná-la.

A redenção vem quando sofremos com o culpado, por ele e no lugar dele, em vez de apontar o pecado por meio da crítica. As pessoas não se convertem por críticas. Elas se convertem por meio de uma cruz.

Os nervos e o corpo em geral podem suportar praticamente qualquer coisa, desde que haja harmonia interior e ausência de conflito.

Não vejo nada, absolutamente nada, que possa tirar a Igreja de trás das portas trancadas senão um Pentecostes. Podeis aumentar a beleza de seu ritual; melhorar a qualidade e a quantidade de sua educação religiosa; elevar o padrão e as qualificações do seu ministério ao mais alto grau; despejar dinheiro a manchetes nos seus gazofilácios, dar-lhe, enfim, tudo, tudo menos esta única coisa que o Pentecostes dá, e estareis apenas ornamentando um cadáver. Até que este fato Sagrado se dê, a pregação é simples preleção, a oração é apenas repetição de fórmula, os cultos deixam de ser culto e tudo não passa de atividade terrena, circunscrita, inadequada, morta.

Nada mais trágico para o mundo do que a Igreja enclausurada, entregue às suas atividades internas, sem se dar conta do caudal de paixões que está passando por ela, sem que ela

o possa controlar, porque não está na sua posição de comando. Nosso problema é espalhar pelo mundo o evangelho.

Você pode servir a Deus com dinheiro, mas não pode servir a Deus e ao Dinheiro. Note que *Dinheiro* se torna *dinheiro* quando é para servir à vontade de Deus, mas, quando é um fim em si mesmo, então *Dinheiro* é um deus; um falso deus que determina o destino, um destino que se torna ruína.

[Jesus ensinava aos discípulos] não somente por palavras. Suas palavras levavam o selo de um conteúdo real. Ele vivia com elas e mesmo anteriormente a elas. Em suas palavras eles ouviam o Verbo — O Verbo que Ele encarnava. Quando Ele lhes falava do amor, eles compreendiam o que Ele queria dizer porque eles já o tinham visto nele, na sua face, nos seus gestos, na sua atitude, nas suas ações. Quando Ele lhes falava de Deus, eles sentiam a sua presença porque Ele não veio para proclamar Deus, veio trazê-lo. De uma vez para sempre o golfo existente entre a palavra e a ação foi completamente eliminado; nele as duas coisas se tornaram uma só.

Ele ensinou coisas elevadas — viveu uma vida superior. Ele ensinou os homens a voltar o outro lado da face — os soldados bateram-lhe numa face e Ele voltou a outra para que eles a ferissem. Disse aos discípulos que fossem além da primeira milha obrigatória — os inimigos obrigaram-no a fazer a primeira milha de Jerusalém ao pretório de Herodes, ele foi voluntariamente até a cruz. Ele os admoestou a que dessem também a túnica a quem lhes tirasse a capa — no pretório de Herodes tiraram-lhe a capa e Ele deu a túnica sem costura no topo do Calvário. Pediu-lhes que amassem aos seus inimigos e quando seus inimigos o cravaram na cruz, inutilizaram suas mãos para que nada mais pudesse fazer, Ele ainda podia morrer por eles. E o fez. Mas antes de morrer, rogou ao Pai: "Pai, perdoa-lhes; porque eles não sabem o que fazem". Seu amor foi completo e assim também foi sua vida. Mesmo nos estertores da tortura não houve de sua parte manifestação de fraqueza moral, mas antes a plenitude da consciência moral. "Tudo está consumado".

Nele estava a misericórdia, não somente apreensível e irrepreensível, mas a misericórdia em serviço. Isto tem sido dito tantas vezes que já se tornou lugar comum. Mas quando eu

contemplo a Religião e a Misericórdia cingidas com uma toalha e lavando os pés da humanidade, estou contemplando uma cena inédita. Procuro, em vão, os sistemas religiosos não cristãos por um deus que se dá a si mesmo e serve aos seus seguidores e não o encontro. De fato, eles servem no sentido que dispensam favores e benefícios, mas em Cristo é diferente, é Deus servindo na qualidade de Servo. Ele não somente se inclina para dar, inclina-se para ficar por baixo. Ele se inclinou sob o guante da pobreza e do trabalho, do pecado e da vergonha, das dificuldades e lutas — sob o peso da vida de homens caídos, e quando nada mais havia para ele suportar, suportou a cruz e a carregou por eles.

O fato é que jamais vi alguém alcançar poder espiritual, se não estiver procurando algo mais profundo. O poder do Espírito é um efeito do Espírito na vida, fazendo-a semelhante a Cristo. Buscar poder espiritual pode muitas vezes ser apenas trilhar uma das tangentes da glorificação pessoal, ou da vaidade própria, que são caminhos opostos ao de Cristo. Buscar o poder do Espírito conduz-nos logo pela senda da renúncia que leva diretamente ao coração do evangelho — a cruz. O poder de Cristo se assenta na Cruz: “Se eu for levantado (na cruz) da terra, atrairei todos a

mim". O nosso poder baseia-se na mesma cruz. Só os que sabem levar a cruz pelo mundo, são capazes de mover o mundo.

Se a vida expressou sua palavra de maneira mais cruel, mais dura, mais amarga, mais desesperadora e pessimista [no Calvário], a Vida enfrentou de fronte erguida a situação e a respondeu cabalmente [na Páscoa]. A resposta às questões levantadas é o Cristo ressurreto. A última palavra da Vida não é a cruz, é a ressurreição. Que importam as cicatrizes, se no dia final tornam radiantes? Que importa a cruz, se no fim ela me levanta o moral abatido? Que importa a dor, se afinal ela se traduz num hino? Que importa a separação, se no fim eu volto mais completo e perfeito que antes? Que importa a calúnia dos homens, se tenho a segurança em Deus? Que me pode fazer o inverno, se nas minhas veias corre o sangue da primavera? Que é o Calvário, se a ele sucede a ressurreição?

[Sobre o dízimo] Vejo que o princípio sobre o qual Deus me guia em relação aos nove décimos restantes é este: Tenho o direito e o dever de usar o máximo possível meus bens materiais de modo que mais me capacite física, material e espiritualmente para promover os

propósitos do reino de Deus. [...] Minhas necessidades devem ser honestas, observadas honestamente à luz das necessidades de outras pessoas. Pois tudo que estiver além das minhas reais necessidades pertence às necessidades dos outros. Se eu tomar aquilo que pertence à necessidade dos outros, sou culpado de roubo.

Há [no Universo] algo "dado"; não o produzimos, não o construímos; ele já existe, incorporado na natureza das coisas. Quem quer que tenha a primeira palavra, ou a segunda, o fato é que essa ordem moral tem a última palavra, e essa última palavra é a palavra final. Temos escolhas, mas o universo moral decide os resultados de nossa escolha, e esses resultados são inexoráveis. Precisamos concordar com o universo moral ou nos ferimos. Não quebramos as leis de Deus escritas na natureza das coisas. Nós é que nos quebramos por não as cumprir. Essas leis não fazem distinção de cor, de classe e de religião. Quebre-as, e você estará quebrado. Se saltar de uma janela do 14° andar, você não quebrará a lei da gravidade, mas apenas irá ilustrá-la.
Essas leis são a graça preventiva de Deus. São barreiras colocadas à beira de precipícios para nos impedir de ultrapassá-las. Não são colocadas ali para tolher nossa liberdade; estão lá

para impedir que usemos nossa liberdade para destruir-nos. São os choques elétricos no focinho dos ratos para evitar que entrem em caminhos que levam à confusão e os afastam do queijo. Deus está nos dando choques para que nos afastemos da insensatez e sigamos na direção do alimento, para que nos afastemos da confusão e sigamos na direção do Caminho.

A humanidade está descobrindo como viver da maneira mais difícil. Deus nos oferece o Caminho em Cristo. Pensamos que sabemos das coisas, tomamos outros caminhos que escolhemos e estamos constantemente levando choques. Esses choques são de vários tipos: neuroses, conflitos interiores, doenças, culpas, inferioridades, medos. A era moderna pôs o inferno para fora pela porta, mas ele voltou pela janela. Expulso do universo, ele se infiltrou em nós na forma de neuroses e conflitos interiores. Dolorosamente, estamos descobrindo como não devemos viver.

Tenha em mente que tudo que está à parte de Deus tem as sementes da desilusão, caso se torne um ídolo. Podem ser coisas boas — lar, filhos, marido, esposa, pastor, grupo, rito, cerimônia, denominação —, mas todas são relativas. Apenas no Absoluto você pode descansar.

O Pentecostes vai mais longe na sua espantosa devastação em demanda da universalidade. O relato diz que quando o Espírito foi derramado as multidões estavam atônitas, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua das maravilhas de Deus. [...] Aqui estava a religião desprendendo-se das línguas, culturas e raças sagradas e tomando todas as nações, raças e culturas como meio de transmitir o Divino. [...] Em toda parte as línguas sagradas têm tido papel proeminente na religião. Os hindus acreditam que o sânscrito é eterno e os Vedas caíram da eternidade e não podem ser traduzidos sem prejuízo. Os muçulmanos atribuem ao Corão origem celestial e que a língua árabe é insuperável em eloquência e que a tradução é sempre prejudicial ao sentido. A Igreja Católica se apegava a até bem pouco tempo ao Latim em todo o mundo e a Igreja Oriental conserva o sírio. Todos sabemos com que piedoso zelo o judeu preserva a sua língua. [...] Vemos agora a significação do que aconteceu no Pentecostes quando tudo isto foi banido de uma vez para sempre.

O cristianismo está na encruzilhada. É agora o ponto decisivo para o homem; ou ele segue definitivamente cristão ou simplesmente religioso. A pressão que se opera aí é em direção

do sincretismo. Há uma corrente que pensa que será necessário dividir a palavra cristão pelo meio e intercalar a palavra religioso para fazer a expressão mais universal. Na realidade não se pode ser mais universal do que ser cristão. Onde quer que se ouça uma nota verdadeiramente cristã, ouve-se uma nota universal. Se é universalidade que procuramos, então voltemos ao Pentecostes! Porque aqui o Cristo universal torna-se em experiência universal e esta experiência se expressa em fórmulas universais. Custa pouco ser religioso. Não há nisto nenhuma cruz. Mas nas palavras de uma professora chinesa, "É maravilhoso ser cristão", custa tudo ser cristão.

O evangelho provê, entre outras coisas, duas das mais prementes necessidades do homem: uma norma fixa e um ideal progressivo. Apresentando o caráter de Cristo, fixo na história, provê um porto seguro para ancoragem de nossas mentes e impede que elas se desarvorem ao sopro dos ventos da moderna especulação e das tendências extremistas. Mas vai além: na doutrina do Espírito Santo assegura uma dinâmica progressiva, capaz de adaptações infinitas para uma vida em evolução. "O Espírito nos guia a toda a verdade." Portanto, o Espírito estará sempre desvendando o que estava oculto na pessoa de Cristo e aplicando

seus eternos princípios às condições mutáveis do ambiente. O evangelho tem, portanto, um senso de novidade, de surpresa, de eterna procura. Quem vive sob a inspiração do Espírito vive numa aurora perpétua, uma surpresa o aguarda a cada canto. Panoramas se descortinam por todos os lados. Sabe que o que está no mais recôndito de seu ser não pode ser superado, porque ele possui não uma parte da verdade, não um sistema doutrinário morto, mas o próprio Espírito de Verdade.

A razão por que não podemos nos entender é que cada um quer governar (atitude pagã) ao invés de servir (atitude cristã).

O amor é dez vezes mais exigente que a lei. Ao cumprir uma lei, você está livre da obrigação, mas nunca está livre de cumprir o amor. Ele o tem a cada momento, impelindo-o a ir cada vez mais longe.

Deus tem duas mãos: a mão da Graça e a mão da Lei. Se você não quiser receber da mão da Graça, terá de receber da mão da lei. Você pode ascender a um reino de liberdade pela mão da graça, ou pode afundar nas fatalidades da lei do carma. A vida pode ser cheia de encantos, ou pode ser cheia de tristezas.

A graça amarra você com cordas muito mais fortes do que as usadas pelo dever ou pela obrigação. A graça é livre, mas, ao recebê-la, você está amarrado para sempre ao Doador e impelido a compreender o espírito dele. Semelhante produz semelhante. A graça torna você gracioso, e o Doador faz você doar.

Numa reunião de 105 "Amigos" em Viena, eu fiz esta afirmação: Por muitos anos tenho carregado uma cruz no coração e esta cruz me fez. Mas, ultimamente, ela foi removida e eu começo a sentir a falta dela e estou orando a Deus que me dê outra cruz. "Que oração terrível", disse-me um dos amigos quando saímos da reunião. Sim, era mesmo, mas teria sido mais terrível não tê-la feito, pois seria perder a oportunidade de viver na quarta dimensão. Minha recente oração é: "Se os ferimentos têm que vir, só te peço uma coisa, Senhor, que sejam feridas limpas". Se pudermos conservar nossas feridas livres da infecção das queixas, da amargura de espírito, elas cicatrizar-se-ão logo, sem deixar muita marca. É a alegria do Espírito que é o antisséptico. Sua presença conserva nossas feridas limpas.

Se nossas raízes estiverem no Pentecostes, nossos frutos estarão nos confins da terra.

Há só uma coisa que nos impede de receber o Espírito — Jesus não está no trono de nossas vidas. Outras coisas estão lá. Quando se torna Senhor de tudo, Ele oferece tudo. Só mãos vazias podem apoderar-se de Cristo todo. Quando temos certeza que não estamos segurando nada, podemos ter certeza que Deus não está retendo nada. O dom do Espírito Santo tornar-se-á nosso, então.

Eu nada tinha para oferecer a Deus, senão meu fracasso como homem, e, para surpresa minha, Ele me aceitou e deu-me todos os recursos da graça Divina que eu tenho tido capacidade de tomar.

"Cada um recebe as manifestações do Espírito para o bem de todos." (1 Co 12:7). Não seria para o bem de todos se o Espírito se manifestasse a todos da mesma maneira. São necessários muitos instrumentos diferentes para fazer uma sinfonia. Precisamos consentir que o Espírito abra todas as chaves e toque em todos os teclados de nossa personalidade. Precisamos ser naturais, ser nós mesmos, mas lembrar-nos também que carecemos de outros instrumentos tocados pelo Espírito para complementar e completar nosso tom parcial. Talvez aquele que mais difere de nós seja o que

nos faz falta. O Espírito não veio uniformizar, mas unificar.

Nabucodonosor, cheio de orgulho, foi humilhado e comeu capim como os bois até perceber que quem reinava não era ele, mas os céus. [...] continuaremos a comer nossas palavras, nossos planos, nosso próprio estrume até que também aprendamos que os céus é que governam e que o reino terá sempre a última palavra.

[...] [A oração do Pai Nosso ensina a orar:] "Dá-nos". Agora estamos dizendo, em uma era individualista e egoísta: "Dá-me". Se continuarmos a cuidar só de nós mesmos, pensando só em nós em primeiro lugar, então nos tornaremos nosso principal inimigo.
Teremos de pensar tanto em nós que adoeceremos de nós mesmos, dos nossos complexos e das nossas obsessões. Esse será o nosso castigo.

Você não acha a Deus através do subir por uma escada, degrau a degrau, para achá-lO no degrau superior da escada da dignidade. Esta é uma busca egocêntrica da salvação. Você O acha no primeiro degrau da escada, pois Ele desce pela escada da encarnação e nos encontra onde estamos como pecadores.

Você não encontra Deus no último degrau da escada do mérito, tendo-a galgado degrau por degrau, Ele desceu a escada na encarnação e nos oferece a salvação, não como merecedores dela, mas como pecadores. "Não vim chamar os justos, mas os pecadores". Ele nos oferece redenção nas mãos feridas pelos cravos. Ele a oferece livremente!

Discipline os começos. Os fins estão nos começos.

O objetivo da disciplina é a disciplina. O primeiro resultado da disciplina é a coragem, não um "espírito de covardia". As pessoas disciplinadas têm senso de coragem e não têm medo de nada, pois sabem que a soma total da realidade está a seu favor. As pessoas disciplinadas têm senso de poder, pois sabem que estão trabalhando com Deus e que Deus está trabalhando com elas; elas têm um "amor" que brota e canta.

"O homem bom do seu bom tesouro tira coisas boas" (Mt 12.35). O bem que ele produz provém do seu bom tesouro, que é a soma total de bons hábitos acumulados que já passaram para a sua atitude e o seu caráter. Nenhuma boa ação, portanto, é desperdiçada. Mesmo

que pareça não ter efeito sobre a outra pessoa, a boa ação traz algo para você, torna-se parte do seu bom tesouro, torna-se parte da bondade inevitável. Você está destinado ao caminho do bem.

Submetidos a Cristo, estamos livres; escravizados a Ele, palmilharemos a terra emancipados; prostrados a Seus pés, nos levantamos eretos perante tudo. Quando somos mais dEle, somos mais nossos. Ficamos livres da escravidão das coisas; podemos tê-las ou não tê-las, pois O temos. Nós nos sentimos leves porque colocamos todo o nosso peso sobre Ele.

Se você pode suportar apenas a prosperidade, você é fraco; se pode suportar apenas a privação, você é fraco. Você é forte apenas se puder suportar qualquer coisa — boa, má ou indiferente.

Não ore pedindo poder para suportar as adversidades. Ore pedindo poder para *usar* as adversidades. Adote a posição da ofensiva.

Deus fez o mundo e a nós interdependentes um do outro. À medida que rebaixamos nosso caráter, o mundo ao nosso redor se despedaça

em ruínas. À medida que elevamos nosso caráter, o mundo ao nosso redor nos acompanha.

Jesus disse: “Eu sou o caminho” (a ação), “a verdade” (o pensamento), e “a vida” (os recursos para preencher o pensamento e a ação).

'Eu sou o Caminho' — aqui está a resposta da Vontade; 'Eu sou a Verdade' — aqui está a resposta do Intelecto; 'Eu sou a Vida' — aqui está a resposta do Sentimento.

Muitos mestres explicaram tudo — e mudaram pouco ou nada. Jesus explicou pouco e mudou tudo.

Assim como Cristo dá tudo, ele reivindica tudo.

No batismo com água, renunciamos aos nossos pecados; no batismo do Espírito, renunciamos a nós mesmos. Um é negativo; o outro é positivo. Em nossa renúncia de nós mesmos, nós nos colocamos à disposição do Espírito; nossos interesses e capacidades se unem. Aí se estabelece a união.

O mal é complexo, sinuoso, confuso. A bondade é a vida reduzida à simplicidade. Mentiras são tortuosas, complicadas. A verdade é direta e descomplicada. [...] Todas as grandes descobertas são uma redução da complexidade à simplicidade.

Para descobrir o trabalho de sua vida, siga estes passos: (a) Entregue-se incondicionalmente a Deus. (b) Pergunte onde existe a maior necessidade. (c) Pergunte por meio de qual vocação você pode expressar sua vida para satisfazer essa necessidade. (d) Ao estudar, converse com as pessoas e ore para saber qual é o impulso interior que você deve satisfazer. (e) Você fará o que deve fazer.

A revelação que Deus faz de si mesmo não é uma revelação mágica, mas moral.

A diferença entre o ponto de vista secular e o cristão é esta: conhece-te, aceita-te, desenvolve-te — isso é pagão (secular). Renuncia-te, disciplina-te, obedece a outro ser, ao Espírito de Deus — isto é cristão.

Quando podemos cantar diante da morte, podemos cantar diante de qualquer coisa.

A morte, para o cristão, significa apenas uma anestesia, enquanto troca de corpo. Deus nos lança de um corpo desgastado para um corpo imortal, de modo que o cristão não precisa temer a morte.

A imortalidade está fundamentada não em uma crença, mas em uma demonstração: a ressurreição de Jesus dentre os mortos. Jesus não apenas proclamou a vida após a morte, mas demonstrou a vida após a morte. [...] Dois fatos acometem a todos — o pecado e a morte. Jesus colocou-se acima do pecado; ele não se colocaria acima da morte? O relato diz que sim. Isso condiz com a sua vida. Ele venceu tudo na vida, acaso não venceria o último inimigo da humanidade, a morte? Com esse inimigo invicto, haveria a sombra da derrota final sobre tudo. Com a morte derrotada, o resto se dissipa. Tudo foi dominado. O Caminho cristão é o caminho para tudo, em todos os lugares.

Há mais alegria em uma polegada quadrada com Cristo do que em todo o mundo lá fora sem ele. Em Cristo, há vida — agora. Fora dele, há morte — agora. Então, os cristãos não estão particularmente preocupados com a vida após a morte, uma vez que temos vida antes

da morte. [...] O caminho cristão tem um caminho no presente, onde a vida é adequada, vitoriosa, eficaz e feliz — à parte da imortalidade.

Nada pode atemorizar-nos definitivamente, pois temos a vitória sobre o inimigo derradeiro, a morte. A dor do abrir das pétalas anuncia o aproximar das flores, e as dores da morte nos anunciam que a vida interior está florescendo na imortalidade.

Se analisado pelos padrões de sucesso de nossa sociedade, o Homem de maior sucesso que já viveu falhou. Não deixou dinheiro, nem livros, nem propriedades. Tudo que deixou quando foi embora foram sementes plantadas no coração de seguidores duvidosos. Todavia, essas simples sementes transformaram o mundo. Você não precisa ter sucesso. Semeie as sementes do amor e da verdade, coma e durma, e a terra cuidará de dar seus frutos.

A oração que mais faço é esta: "Senhor, tu me tens". Isso é como um refrão nas minhas orações. Se for assim, tudo estará perfeito. Se estivermos em nossas próprias mãos, seremos como os cinco pães e dois peixes nas mãos do menino, ou seja, insuficientes. Todavia, se estivermos nas mãos de Deus, seremos como os

mesmos pães e peixes nas mãos de Jesus, suficientes para toda a multidão.

O primeiro fruto da conversão é o fato de uma relação modificada com Deus. "O vencedor herdará estas coisas, e eu lhe serei Deus e ele me será filho" (Ap 21.7). Ter esta relação alterada com Deus — passar do alheamento de Deus a um filho de Deus — é o fato básico da conversão. A relação alterada com Deus lhe dá uma relação alterada consigo próprio — com seu irmão, com a natureza, com o universo. Agora o total da realidade está atrás de você, o sustém, o aprova, e o favorece. Você não está mais trabalhando contra o grão do universo, está trabalhando com ele.

Não pense que por você pertencer a Cristo você está livre. Ninguém está livre. Somos livres somente para escolher nossos senhores. Cristo ou qualquer outra coisa nos governará.

Se há um Deus, há um absoluto. Se há um Absoluto, há um Reino Absoluto. Se há um Reino Absoluto, deve haver uma entrega absoluta a esse Reino Absoluto. Essa entrega absoluta significa a realização do reino superior e por isso a realização de si mesmo nesse reino superior. É a entrega da lama à flor de lótus, do

pecaminoso ao Santo, do imperfeito ao Perfeito.

O reino do animal é o ego de encontro aos demais. O Reino de Deus é o ego pelo amor dos outros. O reino do animal é a sobrevivência em termos de agudos dentes e unhas; o Reino de Deus é o renascimento em termos de redenção do pecado e da fraqueza. O reino animal é vida organizada em torno do motivo fome, o motivo amor subordinada a ele; o Reino de Deus é vida organizada em torno do motivo amor com o motivo fome a ele subordinado. O reino do animal é um feudo; o Reino de Deus é uma família. De acordo com nossa entrega, seja ao reino superior ou inferior, seremos nascidos de cima ou não.

Em Jesus tudo é oportunidade. Pois, pelo seu poder, pode-se transformar tudo em algo melhor. Você está convertido e consequentemente pode converter a calamidade em oportunidade, impedimentos em instrumentos, e Calvários em Auroras de Ressurreição.

Jesus é primeiramente um Salvador, em segundo lugar um estímulo. Salva-nos de atitudes erradas e de atos que nos alienam de Deus, de nós mesmos, de nossos corpos, de nosso

próximo, da natureza, do universo. Ele reconcilia nosso coração ao coração do universo. Arranca as culpas enraizadas, o sentido de alienação, inferioridade, medo, ódio aos outros e a nós mesmos. Purifica a confusão interior de conflitos e condenação. Ele é primeiro e acima de tudo um Salvador. Depois Ele é um estímulo. Não tente saltar por cima do fato de que Ele é um Salvador e pedir-Lhe que seja um estímulo. Ele nunca pode estimular uma mola rebelde de conflitos íntimos. Eles devem ser submissos. Uma vez submissos você passará a receber a maior força terapêutica do universo, o estímulo de Cristo.

O estímulo de Cristo sobre a vida interior produz alegria, a mais pura, a mais permanente alegria conhecida, pois produz amor. Não é por mero acaso que a alegria segue o amor nos frutos do Espírito. Pois não há alegria sem amor. Uma felicidade egoísta seca-se automaticamente. Porque a felicidade egoísta baseia-se em ocorrências, não na alegria que permanece de permeio ao fluxo de ocorrências.

O Novo Testamento faz uma distinção entre o dom do Espírito (no singular), os frutos do Espírito e os dons do Espírito (no plural). O dom

do Espírito é a herança de todo cristão batizado e convertido. Se estivermos totalmente abertos a ele, seremos preenchidos pelo Espírito Santo. Deste fato fluem, inevitavelmente, os frutos do Espírito. Os dons do Espírito são concedidos de acordo com a vontade de Deus — para a edificação de toda a comunidade cristã.

A conversão converte teu motivo para a vida e para o trabalho. É a maior força libertadora jamais solta entre os motivos interiores implicados. Simplifica a vida e suas razões para a vida e para a entrega e serviço ao próximo. Ela te simplifica.

O que conquistou o mundo antigo para Cristo não foi apenas a mensagem, mas também essa nova sociedade [a Igreja], uma comunidade sadia em meio a uma sociedade doente; um grupo que amava amplamente e sem barreiras em meio a um povo que só sabia odiar ou amar a quem bem entendesse. A nova sociedade tinha fé, esperança e coragem em meio a uma sociedade que havia perdido a coragem e a esperança. [...] A igreja de hoje deve recuperar o senso de coletividade, de ser uma comunidade que tem significado para a vida

integral. As pessoas que pertencem a ela devem pertencer a algo cujos significados sejam presentes e finais.

A igreja deve ter paixão não apenas pelas almas, mas também pelas pessoas — alma, mente e corpo. Acaso seria possível amar a alma das pessoas e não se preocupar com o que acontece com o corpo, a mente, a morada e o ambiente delas?

Uma civilização salva ou condena sua alma pelo modo como ela ganha o pão.

É voz corrente que a maior necessidade do homem é a liberdade pessoal. Não creio nisso, embora creia na liberdade com toda a força do meu coração. Tenho paixão pela liberdade, mas acho que a primeira necessidade da vida humana é a escravidão, isto é, a necessidade de render-se a alguma coisa além do ego. Em Romanos 1:6, lemos que somos chamados para pertencer a Cristo. Qual é o fim da nossa vocação? Alguns diriam que é chegar ao céu, outros que é fazer o bem e sermos bons. Creio que esses pontos de vista não estão certos, pois o primeiro chamado que recebemos é para pertencermos a alguém que introduza em nós a disciplina da liberdade, alguém que dê sentido e norteie a nossa vida.

Quando deixamos de pertencer ao ego para pertencermos a Cristo, tornamo-nos livres, e o sermos bons e fazermos o bem serão consequências da nossa rendição.

Quando fazemos a vontade de Deus, somos livres. A vontade dEle é sempre nossa vontade em seu melhor estado.

A vontade de Deus é nossa liberdade e realização. Como encontrar essa vontade?
Cremos que Deus revela sua vontade e, portanto, nos guiará pelo menos destas maneiras: (1) a vida e o ensino de Jesus, conforme registrados nas Escrituras; (2) a experiência coletiva dos tempos por meio da igreja e da sociedade; (3) o conselho de pessoas boas e inteligentes; (4) as oportunidades e necessidades; (5) a inteligência moral elevada; (6) a consciência e (7) a Voz Interior.
Às vezes, Deus usará uma dessas maneiras para nos guiar, mas quase sempre será por uma conjunção delas, o que é mais seguro. Contudo, é necessário cautela. Não espere que a direção seja tão explícita e clara quanto dois mais dois são quatro. Sempre haverá um grau de probabilidade em qualquer direção, pois esse grau de probabilidade confere à vida certa aventura e ousadia, e é no momento da aventura e da ousadia que crescemos. A direção

deve ser suficientemente clara para que ajamos, mas nunca tão clara a ponto de não exigir um ato de fé. O ato de fé é o momento do crescimento.

Sou livre para demonstrar o tipo de vida que tenho defendido. Sou livre para demonstrar o reino inabalável e a Pessoa imutável. Sou livre porque sou prisioneiro de ambos!

Apelamos para aquela alma perdida, aleijada, a tremer nos limites da decisão, que tome esses passos: 1) Volte-se para si mesmo e seu passado — faça um bom exame de sua vida e de suas direções. Isto é revisão. 2) Volte-se de seus modos antigos de vida. Isso é arrependimento. 3) Volte-se com seus pecados a Jesus Cristo. Isso é entrega. 4) Volte-se para Ele em fé e aceitação do perdão e nova vida. Isso é receptividade. 5) Transforme todas as suas relações à luz desta nova aurora. Isso é restituição. 6) Com Ele enfrente o futuro e a vida. Isso é consagração. 7) Erga seus pensamentos todas as noites antes de adormecer, dizendo consigo mesmo: "Posso todas as coisas naquele que me fortalece". Isso é fé, regozijando-se com o seu Redentor e seu poder para tudo!

Enquanto jejuavam e oravam, o Espírito Santo disse: "Separem-me Barnabé e Saulo para a

obra a que os tenho chamado" (Até 13.2). Toda a história da civilização ocidental começou nesse momento, quando saíram dois homens que anunciaram o evangelho à Europa e a nós. Quando a igreja ouve o Espírito Santo, ela se torna criativa. Novos movimentos nascem.

A igreja [primitiva] uniu liberais e conservadores em uma comunhão ininterrupta, na qual um fertiliza o outro. Ambos foram unidos em uma tensão viva, que produziu crescimento. A igreja que não tiver conservadores e liberais em uma tensão viva não apresentará uma curva de crescimento; ela se tornará estéril. O liberalismo árido e o conservadorismo ácido são igualmente estéreis, mas, juntos, eles podem ser frutíferos. A igreja não deve permitir que esses dois grupos se separem e provoquem divisão na vida da igreja. Precisamos de um conservadorismo liberal e de um liberalismo conservador.

Paulo e Barnabé tiveram um "desentendimento tão sério" (At 15.39) a ponto de se separarem por causa do impasse em levar Marcos, já que ele os havia abandonado na Panfília. Essa foi uma boa oportunidade para o surgimento de uma divisão que resultaria em duas novas denominações. Uma seria a dos barnabitas, os que criam que a igreja deveria

ser redentora; Marcos deveria ser redimido e ter outra oportunidade. A outra seria a dos paulinos, os que criam que a igreja deveria permanecer pura; Marcos deveria ser afastado. Ambas as ideias são muito boas para o surgimento de uma nova denominação, muito melhores que algumas que geram novas denominações hoje! Todavia, a igreja em Antioquia se manteve em uma comunhão inabalável. [...] Paulo e Barnabé se separaram, mas os dois voltaram para Antioquia, o seu lar espiritual, unidos, apesar das diferenças.

[Os cristãos] estão unidos na coisa mais profunda da vida, ou seja, na própria vida — eles compartilham a mesma vida em Cristo. Eles estão unidos no centro, na vida, mas estão divididos na margem, na política e no ritual. A Igreja Cristã é ao mesmo tempo o corpo mais unido e mais dividido da Terra. Mas a primeira coisa a notar é que os cristãos estão unidos. Eles não precisam buscar a unidade — eles a têm, fundamentalmente e realmente. Segundo, descobrimos... que os santos estão distribuídos igualmente entre todas as denominações... A terceira coisa é que essa unidade interna da vida em Cristo se manifesta em formas muito diversas, desde as formas ornamentadas de um Alto Clérigo até as simplicidades de um Quaker e todos os tipos entre

eles. Temos, então, três fatos subjacentes à situação — Unidade, Igualdade e Diversidade. Qualquer esquema de união que não tome conhecimento dessas três coisas e construa sobre elas provavelmente falhará — e deve falhar.

A ideia de que qualquer denominação em especial é o canal exclusivo, ou mesmo particular, da graça de Deus está tão morta quanto a Rainha Anne. E ela está mesmo muito morta! Deus matou a ideia, ou a deixou morrer por negligência; pois ele parece usar pessoas, não por causa de onde elas estão localizadas denominacionalmente, mas por causa de sua profundidade de rendição a Ele. Deus às vezes trabalha por meio da denominação, às vezes apesar dela, mas nunca exclusivamente ou particularmente em nenhuma delas. Se isso fere seu orgulho denominacional, pode ajudar sua humildade cristã!

Toda vida está ligada a todas as outras vidas. Você não pode tocar a vida em lugar nenhum sem afetar todas as outras vidas. Jesus Cristo estava no centro da vida. Deus e o homem se encontraram nele. Como Filho do homem, a humanidade sofreu nele; e como Filho de Deus, Deus sofreu nele. Nesta síntese de sofri-

mento, a vida inferior é elevada pela vida superior, assumindo os fardos, sofrimentos e pecados da inferior.

Todo aquele que pertence a Cristo pertence a todo aquele que pertence a Cristo.

Um só sangue por nós — o sangue de Cristo. Um só sangue em nós — o sangue da humanidade.

Nós dividimos a humanidade em diversas classes, brancos e negros, ricos e pobres, educados e analfabetos, americanos e indígenas, ocidentais e orientais. Mas Jesus riscou uma linha sobre todas estas diferenças e dividiu a humanidade em somente duas classes, os inconversos e os conversos, os que nasceram uma vez e os que nasceram duas vezes. Todos os homens vivem em um lado ou no outro dessa linha. Esta divisão ultrapassa o tempo e a eternidade.

[...] Jesus não veio para trazer uma religião, mas para ser a Religião. Não veio para trazer um conjunto de verdades, mas para ser a Verdade. Não veio para falar sobre a vida, mas para ser a Vida. Não veio para nos mostrar o caminho, mas para ser o Caminho.

É baldado definir o Reino, porque o Reino é Ordem Absoluta entrando na ordem relativa, e nós temos que usar palavras e frases relativas para descrever o Absoluto; que, certamente, não pode ser feito adequadamente. Jesus permite que olhemos através das frinchas das sugestões e palavras para aquilo que desafia a descrição. "É melhor entrares na vida aleijado... é melhor entrares no Reino de Deus com um dos teus olhos" Marcos 9.45, 47. Aqui "Vida" e "Reino de Deus" se usam como sinônimos. Vida aqui indica vida eterna — "entrar na vida". Portanto, Vida e o Reino de Deus são uma coisa só. O Reino de Deus é vida.

Porque os totalitarismos como o Fascismo, Nazismo e Comunismo surgiram? Percebi de um relance quando estive em Frankfurt, na Alemanha, ao ocaso da guerra, falando sobre o Reino de Deus. Nos lugares da frente estavam líderes religiosos proeminentes, entre os quais o Dr. Martin Niemöller. Eles batiam, concordes, nos bancos enquanto eu falava. Fiquei perplexo. Quando se concluíram os trabalhos eles me fizeram entender: O Senhor compreende porque o povo alemão voltou-se para o Nazismo. Eles queriam algo que totalmente os comandasse e conduzisse a vida em coerência e sentido. A vida se achava desagre-

gada, separada em compartimentos. O Nazismo reuniu tudo sob uma filosofia integral de vida. Por algum tempo parecia ser a tal. Era, contudo, um falso totalitarismo e os abateu. O que realmente eles buscavam era o totalitarismo de Deus, o Reino de Deus e não o sabiam. Equivocados, tomaram o Nazismo pela coisa real. A mesma desilusão vai ocorrer com outro totalitarismo — Comunismo. Eles também buscam algo que trará sentido à vida toda e a dirigirá a nobres alvos. Mas é o substituto do homem ao totalitarismo de Deus e os abaterá. A desilusão virá — vem vindo.

Jesus nos confiou a tarefa mais extraordinária que jamais se confiou a um grupo de seres humanos — a de transformar a ordem atual, baseada na cobiça, na exploração, na inimizade, numa nova ordem baseada no amor, na cooperação e na fraternidade. Essa nova ordem é o reino de Deus na terra. Certamente, procurar reconstruir a ordem atual, em cada um dos seus aspectos — econômico, social, político — é tarefa extenuante. É árdua quando nos lembramos de que ela inclui especialmente os motivos íntimos, os instintos, a contextura do espírito, e os mais íntimos recessos da consciência. Diante do programa do reino de Deus na terra, o programa do comunismo parece simples e conservador. O comunismo visa

principalmente à redistribuição econômica; o reino de Deus visa a soma total da vida interior e exterior.

Grande e nobre em muitos aspectos, o islamismo tem, não obstante, esterilizado a vida de imensas regiões do Oriente, pois o aceitar ele como a vontade de Deus as desigualdades e os sofrimentos paralisa qualquer civilização que o adote. É um ópio.

Tudo o que não se conforma com o reino de Deus está destinado a desaparecer. [...] Ao se colocar contra o reino, você vai contra si mesmo. [...] Seja quem for que tiver a primeira e a penúltima palavra, o reino de Deus terá a última.

O reino é o caminho total para a vida total, uma totalidade completa. E, quando você lhe obedece completamente, encontra a total liberdade.

Tratar uma pessoa com base na cor de sua pele é introduzir no Corpo de Cristo uma substância estranha que o contaminará e o envenenará. Essa substância estranha está purulenta, e não há curativos de racionalização que pos-

sam curar a ferida aberta. Ela só pode ser curada por uma atitude de igualdade para todos, à parte de raça, origem e cor.

É bom dizer ao afro-americano que ele produziu nos *spirituals* negros a música religiosa mais triunfante que o mundo já viu, porque ele colocou as discriminações que experimentou na música; mas deixar o assunto aí e não nos entregarmos à eliminação dessas discriminações é fazer da religião um ópio.

A igreja não se posicionou destemidamente e intransigentemente contra o esnobismo racial. A menos que o faça, não pode liderar em um mundo onde a superstição do sangue certamente desaparecerá e o fato do caráter tomará seu lugar... Assim como estamos atrás das portas fechadas da exclusividade racial, também estamos atrás das portas fechadas do isolamento nacional por medo de sermos chamados de antipatrióticos... A situação mundial clama aos céus por alguém que nos lidere para fora dos círculos estreitos e viciosos nos quais nos enredamos para uma irmandade humana, e a igreja poderia fazê-lo. Mas está com medo... A igreja está atrás de portas fechadas de mera rotina de ritual por medo de colapso. Está em sulcos, e "um sulco é uma sepultura com ambas as pontas arrancadas".

Consideremos a questão da "superioridade racial". Para reforçá-la, ouvir alguém citar a passagem da Escritura em que Deus supostamente amaldiçoou Cam (o homem negro) e o fez escravo de Jafé (o homem branco). Porém, se você prestar atenção na passagem de Gênesis 9.25-27, verá que Deus nada teve a ver com isso. Foi Noé quem pronunciou a maldição e contra o filho de Cam, Canaã, não contra propriamente — e o fez quando estava embriagado: "Quando Noé acordou do efeito do vinho [...] disse".

Tomar o pronunciamento de um homem embriagado como regra para o tratamento de uma raça? Além do mais, os que usam essa passagem devem reconhecer que Cam e Jafé tinham o mesmo pai e a mesma mãe, portanto, eles e os seus descendentes são parentes consanguíneos. Deus está cansado de uma religião que se apossa de uma passagem obscura, proferida por um homem embriagado, para reforçar atitudes não cristãs. Se Deus tivesse decretado que os negros deveriam servir aos brancos, porque um homem disse aos seus irmãos que o seu pai estava em um estado indigno em sua tenda, eu perderia o interesse nesse Deus.

A voz autêntica do Senhor ressoa nestas palavras: “Vocês, israelitas, não são para mim melhores do que os etíopes” (Am 9.7). Deus está cansado de injustiças.

Não podemos nos desentender com Deus sem nos desentendermos com o universo e nós mesmos.

O universo é ordenado e regido por leis porque a mente de Deus é ordenada. Este universo é confiável porque a mente de Deus é confiável. Sou grato por Deus ser lei. Mas não estou satisfeito, pois não sou um assunto que pede uma lei. Sou um filho pedindo um Pai. Quero saber se o meu Pai age não apenas por meio de leis e sistemas cósmicos, mas pelo amor. A natureza não pode me dizer se Deus age pelo amor. Sua voz é vaga ou silenciosa.
Uma revelação perfeita também não pode vir através de um profeta ou um mestre, pois a revelação, vindo por meio deles, toma-se limitada, às vezes distorcida, por causa do agente humano imperfeito. A revelação também não chegaria perfeita através de um livro, pois a literatura não pode elevar-se acima da vida — a vida que circunda a literatura dá-lhe conteúdo. Assim o livro seria levado ao nível da nossa mais alta experiência. Portanto, o único meio completo de revelação é através de uma

vida — uma personalidade que nos mostrasse como é a personalidade de Deus. Esta personalidade é Cristo — a vida humana de Deus, aquela parte de Deus que pudemos ver.
A Bíblia, portanto, não é a revelação de Deus. É um registro inspirado da revelação. De outro modo, a revelação — o verbo que se fez carne — seria tinta de impressão. A revelação é vista na face de Jesus Cristo.

Deus é pessoal. Uma personalidade tem inteligência, vontade, sentimento, consciência de si mesmo. Como o Deus pessoal e infinito pode se revelar a nós? A vida divina tem de vir até nós. Conteúdo divino de uma ilustração divina. Isto aconteceu com Jesus. Palavra Amor tornando-se carne; palavra Pureza, tornando-se carne; palavra Luz, tornando-se carne. Nós compreendemos agora, pela iluminação desta vida que se expressa plenamente. Os discípulos pediram: "Mostra-nos o Pai". E Jesus responde mansamente: "Quem me vê a Mim vê ao Pai". E meu coração quase para de bater quando penso: "Será Deus igual a Jesus? É Deus simplificado? Um Deus de quem podemos nos aproximar?" Quando penso em Deus vejo Jesus — sim, de todo o meu coração. Eu creio que Deus é um Deus como Cristo. E, quando eu me aposso de Cristo, me aposso de Deus em pessoa. Ele é um mediador no sentido

de que me dá a Deus. Ele é Deus compreensível.

Um garotinho estava nos Estados Unidos enquanto seu pai e sua mãe atravessavam os mares como missionários. O dia de Natal chegou e o diretor da escola disse a si mesmo: "Aquele garotinho sentirá saudade de seus pais." Por isso ele foi vê-lo e disse-lhe: "O que você mais gostaria que acontecesse nesta manhã de Natal?" O garotinho pensou por um momento e, apontando para o retrato de seu pai que estava sobre a cômoda, disse: "Mais que tudo, eu gostaria que meu pai saísse desta moldura e viesse ficar comigo." Este é o lamento saudoso da humanidade: "Eu gostaria que o meu Pai celestial saísse da moldura do universo e descesse para estar comigo." Isto aconteceu! Deus saiu da moldura do universo, e o vimos no rosto de Jesus Cristo. Ele é Deus conosco. Pois Jesus Cristo é o nosso Pai celestial, personificado — conosco. Ele é a Resposta a este clamor da humanidade por algum poder sobre nós.

A maior notícia já dada à raça humana é a de que Deus é semelhante a Cristo. E a maior notícia que podemos dar a esse mundo não cristão é exatamente essa: que o Deus que vocês

vagamente perceberam, mas sobre cujo caráter vocês têm dúvidas, é semelhante a Cristo.

Se Deus é como Jesus, ele é bom e confiável. Se não for, então não ligarei para ele. Volto-me para Jesus quando imagino o tipo de Deus que eu gostaria de ver no universo. Eu não poderia imaginar nada melhor ou mais maravilhoso do que o que vejo na face de Jesus Cristo. Por isso finalmente vemos o universo simplificado a uma única palavra: Jesus! Quando assim fazemos, o universo bate palmas e diz: "De todas as revelações, esta é a mais reveladora. De todas as afirmações, esta é a que mais afirma. De todas as conclusões a que os homens chegaram, esta é a mais conclusiva. Deus, em caráter, é como Jesus e, portanto, ele ama as pessoas como Jesus as amava; e deu a si mesmo pela humanidade como Jesus se deu. Se isto é verdade, então todas a outras verdades caem na insignificância. Esta é uma verdade que tornou-se Verdade; amor que tornou-se Amor, vida que tornou-se Vida. Aleluia!"
No Divino Sim sobre Deus, Jesus nos fornece a imagem, a apresentação de Deus que deveria ser razoável a qualquer pessoa razoável. Não é apenas razoável, e sim a mais atraente apresentação de Deus já feita — ou que poderia ser feita — neste planeta.

A ideia de que o caminho cristão é difícil está totalmente errada. O jugo de Deus é suave e o seu fardo é leve, pois este jugo é o seu anseio e este fardo é a sua bênção. Quando você encontra o Caminho, encontra a si mesmo. As leis do seu ser são as leis do Caminho. O reino dos céus, o Caminho, está dentro de você e é aquilo para o qual você foi feito; e portanto, quando você o encontra, encontra a si mesmo. Há mais alegria por centímetro quadrado quando se está no caminho do que por alqueire no mundo rebelde exterior.

Quando Satanás atacar você, ordene a ele em Nome de Jesus que dobre seu pescoço. Na parte de trás dele você verá uma pegada marcada por um prego!

Quando a tentação e o pecado vêm até mim e dizem, "Receba-nos e deixe que nós o intimidemos," eu digo, "Espere um minuto! Deixe-me ver a parte de trás do pescoço de vocês." Atrás do pescoço de toda tentação, pecado e maldade estão as marcas dos pés do Filho de Deus.

O evangelho está alicerçado, visto e oferecido no divino. Não é uma filosofia humana, mas uma revelação divina. Isto o torna totalmente

diferente e totalmente possível, se soubermos como recebê-lo. Aquilo que estou aceitando é a aceitação daquele que me aceita.

Um cristão não espera ser isento [do sofrimento]. Ele espera tomar as coisas do modo como vêm — boas, más e indiferentes — e usá-las para dar testemunho de Jesus. Isto coloca um Sim positivo sobre todo Não que chega na vida do cristão.

Suponha que ficasse provado que somente os justos seriam eximidos das doenças e dos problemas. O que aconteceria ao universo? Logo se tornaria caótico e duvidoso. Se um bom homem se debruçasse demais sobre o parapeito de um alto edifício, a lei da gravidade seria suspensa. Mas se um homem mau se debruçasse, ele cairia. No universo real, a lei da gravidade não vai perguntar se ele é bom, mau ou indiferente. Ela o puxará para baixo. É uma escola difícil, mas precisamos conhecer as regras.

O universo não é feito para aceitar a maldade. Somente a verdade tem por trás de si o universo moral. Nada há por trás da maldade, a não ser a própria maldade. Ela pode ser forte hoje e amanhã, mas no terceiro dia se despedaça sobre a natureza da realidade. Pois o

evangelho cristão e a realidade são uma coisa só — em total harmonia. A soma total da realidade está por trás do evangelho cristão.

Uma vez eu vi uma linda igreja feita de pequenos pedaços rejeitados de mármore. Estes pedaços foram ajuntados e transformados num lindo santuário. Eu tenho pego certas coisas, pedaços que restaram dos destroços de minha vida, e estou tentando ajuntá-los, transformando-os num templo de Deus — uma maneira útil de viver. Se a sua vida se reduziu a pedaços, recolha-os e devolva-os a Deus e Ele produzirá algo a partir deles. É surpreendente o que Deus pode fazer com um coração partido, ou uma vida enfraquecida, quando você lhe entrega todos os pedaços.

Quando um violinista estica as cordas do violino, não o faz para torturá-las, mas para produzir uma música melhor do que a anterior. Esta pausa no trabalho de minha vida [quando sofri um derrame incapacitante] não é uma penúria; é música. Afirma-se que os primeiros cristãos venceram o mundo pagão de injustiça porque pensaram mais que os pagãos, sobreviveram aos pagãos, sofreram e morreram mais que eles. É isto que devemos fazer num mundo como este.

Não resista às oposições; use-as. Elas podem ser uma pausa no meu programa, mas uma pausa na música é música em formação.

Que tipo de dor você está experimentando? É uma dor divina ou uma dor que nasce do esforço? "Os pagãos desperdiçam a sua dor." Eles não têm um objetivo, um fim divino. Mas quando a dor é divina, como a dor da cruz, ela não é desperdiçada; é uma dor que contribui, como as dores de uma mãe na hora do parto.

Nenhum homem é suficientemente sábio ou bom para ser o centro de um movimento religioso — somente ombros divinos podem carregar essa responsabilidade.

A vida eterna não é apenas uma descrição da duração, mas uma descrição da qualidade da vida. Isto é importante. Um homem me disse: "Não creio na vida futura, pois não gostaria de viver comigo mesmo para sempre." Assim, Jesus fala sobre a qualidade bem como a duração da vida eterna. Você está vivendo uma qualidade de vida que lhe permite amar a si mesmo, porque o eu é um termo que inspira amor. Eu gosto de mim mesmo porque Jesus está me transformando naquilo que sou. O eu passa por um novo nascimento. É um tipo de eu adequado para sobreviver.

Se eu perguntar a um grupo de pessoas: “Em que vocês creem?”, ele se dividirá; duas pessoas não acreditarão na mesma coisa. Mas se eu perguntar: “Em quem vocês confiam?”, elas se unirão com uma única palavra nos lábios — Jesus Cristo. A palavra “quê” divide, mas a palavra “quem”, por sua própria natureza, une. Portanto o Divino Sim não é um sistema ou partido para uma organização de qualquer tipo. É um relacionamento com uma Pessoa, uma Pessoa universal que é universalmente relevante. Pois Jesus foi o mesmo ontem, hoje e o será para sempre. Ele sempre foi relevante. O céu é céu porque ele está lá para ser universalmente amado e obedecido. O inferno é um lugar onde há desordem geral, pois não há relevância em nenhuma pessoa ou grupo além de Jesus. Portanto, quando a busca da relevância e da ênfase está sobre Jesus, ela reúne o passado, o presente e o futuro. Ela não é antiquada ou obsoleta, pois Jesus não é. Onde quer que Jesus esteja, ali é o nosso lar. Portanto ele é sempre relevante.

Não sei o que o futuro me reserva, mas sei quem o reserva.

Quando Jesus vier, a ressurreição não será apenas física, mas mental, espiritual, social,

econômica e de qualquer outro tipo. Ele é a ressurreição e a vida. Ninguém pode entrar em contato com ele sem a ressurreição.

Ninguém pode ser feliz com a incerteza no íntimo. Por que, neste aspecto mais importante da vida, não fez Deus todas as coisas simples? — tão simples, dizem, como a tabuada de multiplicação? Ora, suponhamos que o tivesse feito. O mistério desapareceria, assim, da vida; não haveria o espírito de aventura, tão necessário à formação do caráter, e a disposição de nossa alma para orar a um Deus limitado, seria igual à que temos para com uma tabuada de multiplicação, por mais verdadeira e simples que seja. É necessário que as coisas mais profundas estejam bastante ocultas para desenvolver em nós, por meio do pesar das alternativas e da escolha do objetivo que nos parecer mais elevado, a capacidade de discriminar e a intuição espiritual. Mas o processo é árduo e traz muita aflição ao espírito e à mente.

Um terremoto na Índia derrubou o edifício de uma missão e deixou de pé, na vizinhança, um prostíbulo. Em Berma, um terremoto tremendo abateu tudo na localidade, mas deixou intacta a casa de um cristão — e considerou-

se isto um ato da Providência. Mas, que se poderá dizer quanto aos casos que não se dão dessa maneira? Responder a esse problema com os cristãos providencialmente poupados, deixa-nos num caminho que conduz à morte, pois não é operante na vida.

Considerem-se as consequências, se acontecesse de outra maneira. Se fosse possível provar-se que, ao sobrevirem a dor e o sofrimento o cristão seria infalivelmente poupado, o resultado seria a degradação do Cristianismo. As multidões afluiriam às igrejas e aceitariam o Cristianismo e sua proteção como se obtivessem, assim, uma apólice de seguro contra fogo. Isto seria também degradar o cristão, pois ele não teria a disciplina que provém de viver em um universo regido por leis imparciais. Não precisaria lutar com as forças impessoais e imparciais da natureza, com as quais se formam a acuidade mental e a força do caráter e por meio das quais ele é aparelhado mental, espiritual e fisicamente, para sobreviver. Esta isenção seria sua ruína. Além disso, sua religião havia de degenerar em magia. Ele a usaria como um talismã, tornar-se-ia tão perniciosa como um costume nas Filipinas de levarem os estudantes, nas vésperas dos exames, as suas penas para os sacerdotes as abençoarem, sendo-lhes, assim, assegurado o sucesso na prova a que se submeterão.

Isto enfraqueceria sua fibra moral e mental. Uma senhora me pediu com toda seriedade que eu orasse para ser premiado o seu bilhete nas corridas do Derby; se eu orasse, acrescentou ela, e o bilhete fosse premiado, "dividiria metade da importância com a igreja". Repliquei que oraria para ela ter um novo conceito da religião em geral e do Cristianismo em particular.
O Cristianismo não é magia, mas revelação moral, cujo objetivo é a formação do caráter e não salvar os fiéis, em situações especiais, do poder das leis dos fenômenos físicos. Um diretor que matriculasse o filho na sua própria escola e o dispensasse dos trabalhos escolares e das penalidades, faria um mal verdadeiro grave a ele mesmo, ao filho e à escola.

Exatamente no meio da descrição, do vigésimo primeiro capítulo do Evangelho de Lucas, a respeito dos nove caminhos pelos quais nos vem o sofrimento, Jesus faz uma declaração que projeta um jato de luz sobre o problema todo e sobre sua atitude para com ele. "E vos acontecerá isto para testemunho", ou, como tem sido traduzido: "E vos acontecerá isto, como uma oportunidade para testemunho". Em outras palavras, ele diz: "Deveis tomar essas desgraças e mudá-las em testemunho — não deveis fugir ao sofrimento, nem,

apenas, suportá-lo como a vontade de Deus; *deveis usá-lo*." Ele sugere que nós devemos aceitar a dor, a desgraça, a injustiça, e a perseguição, introduzi-las nos objetivos de nossas vidas e fazê-las contribuir para finalidades mais elevadas — finalidades para as quais realmente vivemos. Ele quer dizer que o cristão aprendeu o segredo de uma alquimia pela qual o vil metal da injustiça e do sofrimento pode ser transformado no ouro do caráter e dos objetivos do reino de Deus.

Não deve haver apenas resignação passiva — devemos exultar de alegria e tomar tudo que suceda transformando em testemunho. O cristão, pois, deve ser o homem mais extraordinariamente feliz do mundo, porque tem alegria "apesar das circunstâncias". Sua felicidade não depende dos acontecimentos — muitas vezes existe apesar deles. Billy Bray, um dos trovadores de Deus, chamou a um dos seus pés "Glória" e ao outro: "Aleluia", de maneira que ao caminhar um deles dizia: "Glória" e o outro "Aleluia". Teve ele uma intuição segura ao dar o nome aos pés e não aos caminhos, pois alguns poderiam levar a jardins e outros à escuridão, mas, apesar disso, os pés e ele ainda vibrariam a mensagem.

A sociedade demanda uniformidade. Se descermos abaixo de suas normas, ela nos punirá; se superarmos o seu padrão, ela nos perseguirá. O cristão é a criação de um novo padrão do ser, tão diferente do homem comum como este o é do animal.

Realmente é perigoso ter um "complexo de perseguição", pois muitos cristãos pensam estar usando coroas de mártires quando estão apenas usando carapuças. A autocomiseração é a mais lastimável de todas as piedades. Uma atitude queixosa é uma atitude debilitante. Deve ela ser desconhecida do cristão. Ele segue um Mestre que, embora no caminho da cruz, disse às mulheres que choravam por ele e o lastimavam: "Não choreis por mim". O cristão, para conservar o respeito próprio, deve dizer o mesmo.

Há, no caso de Jesus e dos cristãos primitivos alguma coisa nova e vitalizadora em ação. Revela-se, ali, sobretudo, uma honestidade mental e espiritual absolutas. Não se usam ardis mentais para com o sofrimento, por mais espirituais que todos pareçam. O Evangelho ensina a honestidade, a retidão. Há pouca explicação e nenhuma retirada. Não há "Cueismo" com suas sugestões superficiais, não há "evasão" da realidade, como a Ciência

Cristã propõe; não há afirmação exagerada de sermos idênticos ao ser Divino e, portanto, incapazes de dor ou de sofrimento, como o vedanta ensina; não há submissão paralisadora, como o islamismo aconselha; e não há pessimismos terríveis como os a que nos conduz o budismo, com sua negação essencial da vida —nada disto, mas uma visão clara, real, da vida, e que, deixando-a ter sua expressão mais cruel, apodera-se dela, *nesse ponto*, e transforma tudo em vitória. Há, operante, aqui, o que poderíamos chamar vitalidade vitoriosa. A religião será rejeitada se não puder manifestar-se como vitalidade vitoriosa, pois tudo, desde as mais ínfimas células até o homem mais elevado, anela pela perfeição, pela vida mais abundante. Se a religião for a negação desse processo e o contrário de sua aspiração, se mostrar fraqueza e desertar de tudo e pedir ao homem para livrar-se das dores da vida por deserções e subterfúgios, está condenada. Pode ser usada por algumas pessoas como anestésico, mas estão elas condenadas. Sua vitalidade se acabará.

Entretanto, se o que Jesus oferece é religião, ela está nesse processo e expressa no grau mais elevado esse anelo por vida mais abundante. A religião é um brado de vida — de vida nos seus mais elevados termos qualitativos.

Ela não é, pois, em absoluto, uma "evasão" da realidade. Jesus era contra tudo que impedisse o entusiasmo natural da vida. Negamos, portanto, ser o seu ensino o que Schopenhauer chamou "a negação da vontade de viver". É, realmente, a vontade de viver no seu aspecto mais elevado. Ele expressa um anelo de vida, tanto na sua qualidade como na quantidade. Deseja mais vida e mais vida numa qualidade fixa. A resposta aos problemas da vida, é vida abundante; não menos vida.

Não podemos crer no homem por muito tempo se não crermos em alguma coisa superior a ele. Não podemos crer na vida se não crermos na Vida.

Jesus aceita o fato do sofrimento humano. Não o explica: muito menos o põe de lado. Se tivesse procurado explicá-lo, seu evangelho ter-se-ia tornado uma filosofia — nesse caso não teria sido um evangelho. Uma filosofia procura explicar tudo e depois deixa tudo como estava. Jesus procurou explicar pouco, mas mudou tudo, realmente. Ele não trouxe uma filosofia mas um fato. O fato era o seu próprio método de enfrentar a dor e a injustiça e transformá-las em algo superior. Primeiro o fato e depois a filosofia do fato — esta é a or-

dem. As Boas Novas não são apenas boas visões. Representam o fato de serem o pecado e o sofrimento enfrentados, vencidos e de proclamar-se através deles um método de vida — este é o fato do Evangelho.

Quando Jesus estava pendurado na cruz, em sofrimento horroroso, alguém procurou pôr-lhe uma droga nos lábios para suavizar a dor. Ele a recusou. Não se serviria de estratagema, de recurso fácil, de narcóticos, nem evitaria enfrentar o resultado final. Lutaria, com sua coragem interior, contra o sofrimento e contra a rejeição daquela hora e transformaria tudo num testemunho. Transformaria a mais suprema tragédia do mundo no mais supremo testemunho. E assim o fez.

Quando nos voltamos para os Evangelhos, vemos que quase todas as coisas belas vieram de alguma coisa má. Este princípio de transformar tudo em testemunho é operante em todas as suas páginas, do princípio ao fim.

Um doutor da lei levantou-se para "tentá-lo". Queria, também, desacreditá-lo aos olhos da multidão — mas qual foi o resultado? Temos, por isso, a extraordinária parábola do Bom Samaritano e a humanidade tem, agora, a res-

soar nos ouvidos, as palavras incisivas, concitadoras: "Não deveis passar de largo quando as necessidades humanas estão à margem do caminho." A desumanidade do doutor da lei transforma-se num chamado e numa ordem para mostrar-se humanidade a todo homem, sem distinção de raça. Jesus assim transforma essa tentativa ardilosa num testemunho.

João Batista tem dúvidas sobre ele e manda emissários para obterem novas informações. Ter a desconfiança do melhor amigo é doloroso. Mas Jesus aproveita essa dúvida e essas indagações e torna a religião uma coisa nova, vital. Diz aos emissários de João para voltarem e dizerem a ele o que haviam visto e ouvido — "os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são limpos... e aos pobres é anunciado o Evangelho". Talvez os emissários de João tivessem pedido as credenciais de Jesus: "Minhas credenciais", teria dito Jesus, "não são argumentos escritos; são estes homens curados". Suas credenciais estavam escritas na cura dos corpos e das almas dos homens. Seus argumentos não estavam em manuscritos, mas no homem. Isto afasta a religião do terreno das discussões acadêmicas sobre a validade de seus postulados e a coloca no terreno da "vitalidade". O que é vital é válido. Ele estava dando a vida, por isso poderia inculcar-se como o

Senhor da vida. Elias, no Monte Carmelo, disse: “Que o deus que responder por fogo, esse será Deus”. Jesus mudou essa prova: “Que o deus que responder por pessoas curadas, esse será Deus”. Que brisa purificadora não é isto para a atmosfera bolorenta das discussões religiosas! Mas essa purificação provém de uma dúvida, uma dúvida que magoa — a de um amigo.

Um dia sobreveio dúvida mais profunda e, com ela, dor mais aguda. Sua própria mãe e seus irmãos quiseram levá-lo embora, pois pensaram que ele perdera a razão, que estava demente. Alguém pode suportar quase tudo no exterior se há simpatia e compreensão no lar. Quando, porém, o lar não nos compreende, olha-nos de soslaio, saúda-nos com frieza e desconfiança ficamos realmente magoados. A mãe que o havia gerado não o podia suportar mais. Por isso vieram para levá-lo embora. Quando Jesus ouviu que sua mãe e seus irmãos estavam, da parte de fora, querendo falar-lhe, estendeu a mão para o grupo em redor dele e disse: “Eis aqui minha mãe e meus irmãos! Porque, qualquer que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, este é meu irmão, irmã e mãe”. Aqui o vemos anunciando uma fraternidade mais profunda, baseada não no sangue mas no fazer a vontade de Deus. Era o

conceito da família de Deus, tendo Deus como Pai e os homens de qualquer raça e de qualquer clima que fizessem a Sua vontade, como irmãos. Mas notai a situação em que ele o faz: um homem no momento de ser tido como demente anuncia uma fraternidade mundial — uma fraternidade mundial que curaria as estultícias das nossas mesquinhezas de raça e de sangue, os nossos conflitos de tribos, de clãs e de nações, e tornaria o mundo um lugar próprio para todos os homens viverem. Uma acusação de demência feita pelos irmãos, transforma-se num desafio para o mundo viver fraternalmente. Ele transforma a suspeita mais amarga de sua família na revelação e no testemunho de uma família maior. Não a suportou — usou-a. Disse aos discípulos que iria "realizar curas hoje e amanhã" e no "terceiro dia" tornar-se-ia "perfeito". Chamou a sua crucificação — tornar-se perfeito! O pior que pode acontecer a um homem — a crucificação — transforma-se para Ele no melhor — a perfeição!

A religião de Jesus irradia uma vitalidade tão admirável que não se lhe pode dar outro nome senão vitalidade vitoriosa. Ela nos dá poder para nos apoderarmos das matérias-primas da vida, boas, más, indiferentes, justas, injustas, agradáveis, dolorosas e introduzi-las na

corrente da vida, assimilando-as e usando-as. Para as plantas e os animais manterem a vida, precisam assimilar as coisas do meio ambiente com que têm afinidade. Estão na dependência das afinidades: se faltarem, morrerão. Mas o Cristão vive não só de afinidades, mas de oposições, enfermidades, dores, cruzes. Ele é, portanto, a mais forte das "plantas anuais" ou melhor é uma "sempre-viva". Pertence, portanto, ao que James chama "os espíritos fortes" e não aos "espíritos ternos". É o mais pessimista dos homens, pois vê a vida através de uma cruz e é o mais otimista, por crer que atrás de toda cruz se encontra a manhã de Páscoa. Realmente, ele começa mudando seus calvários em Páscoas.

Jesus toma todos os instintos malogrados e os emprega em realizações gloriosas no Reino ideal. Nele, esses instintos são livres, porque são livres de expressar-se em formas superiores. A combatividade transforma-se em perseverança na luta pelo direito; o medo, reverência a Deus e à personalidade humana; o instinto sexual, sensibilidade criadora no trabalho; o amor-próprio, em maior amor dos seus; o instinto gregário, fraternidade humana.

Não há dúvida de que o Evangelho ensina haver compensações depois desta vida, no céu. Mas a sua ênfase não está nisso. Ele produz caráter e alegria nas atuais condições desta vida e por meio delas. O tipo de caráter que produz, é, pois, quando em plena atuação, saudável e resistente, por enfrentar ventos cortantes. Um caráter produzido pela contemplação das recompensas celestes é raquítico e pálido, faltando-lhe vida robusta e muito semelhante à flor de estufa que vive em contemplação anêmica do brilho do sol. O cristianismo manda tornar céu os nossos infernos.

O mal invadiu toda a personalidade humana. O mal da mente é o erro, o mal da emoção é o sofrimento, o mal da vontade é o pecado. Como o centro da personalidade é a vontade, o centro do problema do mal é o pecado.

Confesso não sentir temores íntimos ao imaginar o trono de Deus no último dia, mas esse Homem na cruz julga-me, condena-me, faz-me cair de joelhos. A sua atitude para com o pecado e o sofrimento do mundo faz meu espírito tremer, no interior, como agulha elétrica numa tempestade. Na cruz seu amor julga o meu ódio, sua magnanimidade julga a

minha mesquinhez, seu altruísmo julga o meu egoísmo.

"Não quero lançar meus pecados em Jesus", disse uma senhora sueca que se tornara budista. "É degradante pedir a outro que tome nossos pecados".
"Concordo", respondi, "mas ainda que a senhora não lançasse os pecados em Jesus, e não pedisse para ele os carregar, não o pode impedir de tomá-los. Sendo Amor está ele constrangido a tomá-los sem a senhora pedir". O amor não pode ser amor e recusar os fardos dele decorrentes. Num mundo como este, Deus não pode recusar a cruz e continuar como um Deus de amor.

Um "Swami" foi batizado em nosso ashram e tornou-se ardente discípulo. Era um homem leonino, o homem mais primitivo que já vi. Falando a um grupo de advogados hindus, um deles fez uma observação desonrosa sobre o nascimento de Jesus, dizendo, numa insinuação perversa, que ele nascera de casamento, portanto em pecado. O "Swami", enfurecido, tirou o sapato e bateu várias vezes nas costas do advogado. Foi-se embora, violentamente indignado, sentindo que fora justo em defender seu Senhor. Naquela noite, porém, ao deitar-se, pensando no assunto, Cristo apareceu-

lhe e, sem uma palavra, suavemente levantou o manto do ombro, e o "Swami" viu as marcas do seu sapato nos ombros do seu Senhor. Compreendeu que Ele recebera nos próprios ombros as pancadas que dera num dos seus inimigos.

Estava um missionário interpretando a cruz, quando um muçulmano o interrompeu, dizendo: "Não sabeis o que estais dizendo. Estais blasfemando e degradando a Deus dizendo que ele sofre". O missionário não respondeu, mas um hindu o fez: "Não", disse este, "se devemos crer num Deus, devemos crer no Deus que Jesus revela". O hindu tinha razão. Se não podemos crer num Deus como esse, não podemos crer absolutamente em Deus algum. Ele é um Deus semelhante a Cristo ou não é nada. Mas se podemos crer nessa espécie de Deus, temos uma chave do universo e dos nossos próprios sofrimentos.

O Evangelho seria uma mensagem bastante limitada se ensinasse o indivíduo a usar o sofrimento para fins superiores, e deixasse intactos os sistemas que o causam. Parte de um teste de inteligência é dar a uma pessoa a tarefa de retirar de um tanque, com um balde, toda a água, quando esta ainda corre de uma

torneira. Revela grau muito baixo de inteligência aquele que começa a tirar a água, com baldes, sem primeiro fechar a torneira. Qualquer ataque ao problema do sofrimento que não vá às fontes, como aquelas que se acham nos sistemas injustos, revela uma falha na inteligência espiritual. Julgado por esse teste simples de inteligência, muitos dos nossos trabalhos cristãos dificilmente poderiam ser aprovados. Procuramos estancar o sofrimento nas vidas individuais e deixamos, em plena atuação, os sistemas que são a sua causa positiva e direta.

Devemos libertar os escravos, ou atacar a escravidão? Levantar os bêbados deixando o comércio de álcool produzi-los? Socorrer os feridos na guerra, ou atacar o sistema da guerra? Socorrer os feridos no caminho de Jericó, ou mandar prender os ladrões? A resposta evidente a todas essas questões é que se devem fazer as duas coisas. Não há realmente uma escolha entre um evangelho individual e um evangelho social. Um evangelho integral deve incluir ambos. Somos, entretanto, em geral, muito pequenos para incluir ambos. Alternamos entre uma ênfase social ou individual, e não as mantemos numa união viva.

Um evangelho individual sem um evangelho social é uma alma sem um corpo e um evangelho social sem um evangelho individual é um corpo sem uma alma. Um é um fantasma, o outro um cadáver.

A religião não deve procurar somente que sejam o começo e o fim do dia iluminados pelo sorriso de uma alma triunfante, mas que sejam tais as condições e os termos sob os quais os homens trabalham durante o dia que eles mesmos possam sorrir ao encarar as tarefas, pois sabem que não são explorados na produção, mas colaboradores fiéis de uma sociedade justa. A religião, para produzir resultados verdadeiros, deve deixar a cadeira do inválido onde ela ensina os fracos a serem úteis, e levantar-se, no centro das fábricas, e nelas produzir justiça. Se não o fizer, não estará realmente enfrentando o problema do sofrimento. Suscitando questões secundárias, está adormecendo as pessoas para as questões fundamentais.

A religião não deve apenas aliviar, mas eliminar a injustiça. Justiça, não caridade, é a reivindicação. O Evangelho de Cristo, porém, deveria ir além da justiça, deveria insistir em que tomemos quanto ao sofrimento a atitude de

Deus. A atitude de Deus não é apenas a de justiça; supera-a — é vicária. Deus nos dá a possibilidade de usar a dor, mas não se conserva inativo nesse ponto. Ele está em ação — vicariamente em ação, para remover as causas do sofrimento humano. E a sociedade deve fazer o mesmo.

Deus raramente usa qualquer pessoa sem submetê-la à prova do sofrimento. Jesus começa o seu ministério com a prova do deserto, e o termina com a Ressurreição. Nossos ministérios menores também precisam da prova do sofrimento. Quando fui chamado para o ministério, tinha dinheiro para estudar, mas tudo me foi arrebatado pela desgraça, cabendo-me a manutenção da família e impedindo-se o caminho para a realização daquele ideal. Chamado e imediatamente impedido. Aquele ano, porém, passado atrás de barricadas, foi um dos melhores. O conhecer a pobreza pela experiência, habilitou-me a compreender a pobreza da Índia. Tire-se aquele ano e a música da vida seria pobre, faltando-lhe a nota rica do sofrimento.

Tomei notas, durante anos, num Novo Testamento, esperando que constituíssem matéria para um livro. Quando, um dia, ele me foi roubado, pareceu que meu trabalho de anos se

desfizera. Começar de novo a tomar notas era tarefa penosa. Entretanto tinha de tomá-las, e agora acho ter sido a melhor coisa que me aconteceu. Tive que encarar tudo de novo. Se houvesse nas margens as notas que acumulara durante anos, eu as teria lido. Agora, porém, era obrigado a encontrar alguma coisa nova. E, na realidade, encontrei. Meu Novo Testamento está mais rico, e eu também, por ter perdido as notas antigas. Deus nunca tira alguma coisa de nossas mãos sem pôr, em seu lugar, outra melhor.

Na juventude oferecemos a Deus o nosso entusiasmo; na velhice oferecemos a ponderação, a experiência, a simpatia — qualidades impossíveis de oferecer em outra época. Envelhecer, não somente em graça, mas também em gratidão, é o privilégio do cristão; assim, o cristão não deve suportar a velhice; deve usá-la.

Quando, pela primeira vez, fui à Índia não me aclimatei bem, e caí vários meses com febre. Quase valeu a pena ter febre para ter o privilégio de receber as visitas da bondosíssima senhora hindu chamada "Mãe Carolina". Sua face bronzeada estava sempre radiante e ao levantar-se depois de ter orado ao meu lado, invariavelmente inclinava-se e beija-me a

fronte febril. Quando ela saía do quarto eu sentia ter recebido um anjo — conscientemente. Ora, se fosse jovem, teria perguntado, timidamente, da varanda como eu estava e teria ido embora, mas a velhice tem o privilégio de entrar nos santuários íntimos e deixar os seus beijos onde são mais necessários. Sim, a velhice tem o privilégio de penetrar nos santuários das almas de pessoas, inescrutáveis para a juventude. A velhice tem liberdades tanto quanto a juventude. Por isso, toda vez que olho no espelho e vejo o cabelo tornar-se grisalho, somente me alegro. Regozijar-me-ei quando for branco! Pois todo ano da vida tem sido mais belo que o anterior, e por que não o seria até o fim — o fim que é apenas um novo começo?

O eu em suas próprias mãos é um problema e uma dor; o eu nas mãos de Deus é um poder e uma possibilidade.

O cristianismo aponta uma flecha direto para o cerne de nosso problema — o eu não rendido — e diz “deixe de lado a única coisa que você tem”.
Quando devolvemos a Deus aquilo que possuímos — o eu — podemos agora cumprir o destino que Deus planejou para nós [...] pois

nosso destino é sermos feitos à semelhança do Filho de Deus.
É um paradoxo. Não consigo explicar, mas quando você perde sua vida e a encontra, você é muito mais você mesmo quanto mais você é dele. Pertencendo a Ele, você pertence a você mesmo.
A rendição é o único remédio. Sempre que me deparo com alguém que tem problemas esbarro-me necessariamente na necessidade de rendição. Todo o resto é marginal. Isso é central. Só tenho um remédio, pois encontro apenas uma doença — o eu no centro, tentando ser Deus. O eu não rendido é a raiz. O eu não rendido é a doença. Não lide com os sintomas — vá até a raiz, vá até o eu não rendido e diga: você esteve no controle, mas estou me rendendo agora!

Se você não se rende a Cristo, você se rende ao caos.

Os rendidos [a Deus] são os vigorosos, silenciosos, eficazes e criativamente ativos. Digo "criativamente ativos", pois fomos feitos pelo Criador para a criação. Quando deixamos de criar, degeneramos.

A coisa central no cristianismo é a submissão final e total do eu, a sua renúncia, a rejeição e

a rendição inteira da vida à vontade e ao caminho de Deus.

O "eu" é a única coisa que possuímos. É a única coisa que trouxemos ao mundo, a única que levaremos dele, e a única com a qual temos de conviver intimamente dia a dia, hora a hora, minuto a minuto; portanto, o tipo de "eu" que você é determina a felicidade ou o inferno na sua vida. Alguém disse: "A palavra mais usada no inferno é 'eu'." Centrar-se em si mesmo é estar agora no inferno.

Os animais podem ficar satisfeitos neste mundo, mas o homem não pode estar satisfeito deste lado sem Deus, seu Criador e Redentor. Você só pode conhecer a si mesmo na relação com seu Pai Celestial. Você é um filho de Deus e está em processo de ser feito à semelhança do Filho de Deus, à semelhança do personagem mais belo e influente já visto neste ou em qualquer outro planeta. Então, e somente então, você conhece o seu "eu". Todos os outros saberes, por mais capacitadores que sejam, são conhecimentos periféricos e só podem afetar as margens do "eu". Portanto, o melhor que a psicologia secular pode fazer é melhorar o "eu" aqui e ali. Curá-lo de sua doença básica? Não, pois deixa intocada sua relação básica com Deus. E a doença básica do

egocentrismo, com essa relação com Deus intocada, continua sem cura.

Se a fé cristã navega entre a Cila da autodeificação, por um lado, e a Caribdis da automortificação, por outro lado, qual é seu caminho? Seu caminho é a rendição. Observe que não digo autocomprometimento: você pode estar comprometido com uma pessoa ou um projeto e não se render a essa pessoa ou projeto. Você pode estar comprometido com outro em casamento por votos matrimoniais, mas não se render interiormente à outra pessoa.

A rendição é a palavra mais forte e abrangente que conheço, precisamos de uma palavra tão forte como essa para atender o que a rendição envolve.
O que está envolvido é o seguinte: devemos devolver a Deus o "eu" que nos foi entregue pelo Criador, rendendo a única coisa que possuímos.

O que acontece quando o "eu" se rende a Deus? Ele elimina o "eu" ou o purifica? Ele o purifica do egoísmo. O próprio ato de rendição dá a Ele a oportunidade de nos purificar do egoísmo com nosso consentimento e cooperação. Tendo nos purificado de nosso egoísmo intrínseco, ele devolve o "eu" a si mesmo.

Quando obedecemos à lei mais profunda do Universo, ela funciona: "Pois quem quiser salvar a sua vida, a perderá" —, centre-se em seu "eu" e o "eu" se desintegrará. Toda pessoa egocêntrica é uma pessoa em desintegração. Concentre-se em seu "eu" e você não gostará de si mesmo e ninguém mais gostará de você. O resto desse versículo é igualmente verdadeiro: "mas quem perder a sua vida por minha causa, a encontrará" — perca-se na vontade de Deus por rendição e você se encontrará novamente. É um paradoxo, mas você nunca é tão seu quanto quando você é mais dele. Preso a Ele, você anda livre na Terra. Prostrado a seus pés, você fica de pé diante de tudo o mais. De repente, você percebe que se alinhou com as forças criativas do Universo. Então você é livre, livre para criar, livre para amar, livre para viver ao máximo, livre para ser, para ser tudo o que Deus deseja que você seja. É o mesmo tipo de rendição que um fio solto, preso a nada, e não criando nada, faz quando se rende a um dínamo ou gerador. Agora pulsa com energia, com luz e poder. Ele está vivendo para algo além de si mesmo. A pintura se rende a um artista e a mera cor se torna um belo quadro. O mármore se rende ao escultor e um mero bloco de mármore inexpressivo se torna uma figura quase viva. A tinta se rende

ao escritor e o mero fluido começa a pulsar com inteligência e paixão.

A rendição que parece ser um movimento para baixo, em que seus braços ficam largados, é na verdade um movimento para cima. É uma entrega ao amor criativo. Isso não é consentimento. É a cooperação com o poder que ressuscitou Jesus dentre os mortos. Quando nos rendemos e cooperamos com esse poder, ele nos levanta de uma vida morta e não contributiva para uma vida criativa e frutífera. Não é o oleiro e a figura de barro. Jesus nunca usou essa figura, pois essa imagem é inerte e mecânica, em vez de dinâmica e voluntariamente cooperativa. Na rendição, você alinha a vontade à uma vontade Onipotente e começa a fazer coisas que não conseguia fazer antes, a realizar o inatingível, você passa a ser uma surpresa para si mesmo e para os outros.

Assim como meus dedos estão implantados na palma da minha mão, todos esses pecados externos estão implantados no "eu" não rendido. Por que ficamos com raiva e "explodimos"? Porque alguém deixou o "eu" irritado. Por que mentimos? Porque pensamos que será uma vantagem para o "eu". Por que somos desonestos? Porque achamos que a desonestidade trará alguma vantagem para o "eu".

Por que somos impuros? Porque pensamos que trará algum prazer para o "eu". Por que somos ciumentos e invejosos? Porque alguém está se saindo melhor do que o "eu". Todos esses pecados externos são apenas os frutos, o "eu" não rendido é a raiz; os pecados externos são os sintomas, o "eu" não rendido é a doença. Os charlatães tratam os sintomas, os médicos tratam as doenças. A religião que trata os sintomas externos e deixa intacta a doença central, o "eu" não rendido, não passa de charlatanismo.

A palavra "radical" refere-se a "raiz". A fé cristã é radical, pois vai à raiz de todos os nossos problemas, individuais e coletivos, e lida com o "eu" não rendido por meio da rendição. É, portanto, o único verdadeiro médico da alma. Tudo o mais é remendo.

Portanto, rendição não significa renúncia, mas renúncia para realização.

A rendição está no coração de Deus e se encontra no cerne de todas suas atitudes e ações. Quando Ele pede para que nos rendamos, Ele nos pede para sermos os portadores do que há de mais profundo nele, e o que há de mais profundo nele atuará em nós.

A rendição, então, é se entregar à pessoa perfeita e aos propósitos perfeitos do Deus que ilustra em si mesmo a maravilha da rendição.

Quando nos rendemos a Deus, o Criador, e a Cristo, a Palavra encarnada, nos rendemos ao amor criativo e, portanto, somos criativos e realizados. Cantamos a caminho de nossas tarefas, obrigações e responsabilidades.
O "eu" não é anulado quando se entrega. É intensificado: um extra é acrescentado a tudo o que fazemos, dizemos e somos, um extra Divino.

Você nunca esgota Jesus Cristo. Quanto mais você sabe, mais sabe que há para ser conhecido.

Nunca vi o mundo até ver seu Criador, vê-lo em reconciliação e redenção. Então, de repente, o mundo se tornou vivo para mim, as árvores bateram palmas, a natureza estava viva, e minha vivacidade combinou com sua vivacidade e eu também bati palmas. Tive de corrigir as palavras do hino *Volte seus olhos para Deus* de: "Contemple, pois, o rosto seu e as coisas da terra vão desaparecer sob a luz de sua glória e poder"; para: "Contemple, pois, o rosto seu e as coisas da terra vão brilhar sob a luz de sua glória e poder". A fé do cristão é uma

negação do falso mundo, mas não uma negação do mundo. O mundo lhe pertence.

Jesus não era um moralista, impondo um código moral. Ele era o revelador da natureza da realidade. Em primeiro lugar, o revelador da natureza de Deus: Deus é amor abnegado e doador de si mesmo. Em segundo lugar, o revelador da natureza do universo: Ele raramente usava o imperativo, quase nunca o subjuntivo, quase só o indicativo — esse foi e ainda é o seu ensinamento. Quando ele terminou o Sermão da Montanha, as multidões "estavam maravilhadas com o seu ensino, porque ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os mestres da lei" (Mateus 7:28-29). Com autoridade, ensinou-lhes a lei da rendição.

Rendição a Jesus Cristo como Senhor é a ênfase principal na fé cristã. Pois o cristianismo não é uma filosofia nem um moralismo a ser aprendido. O cristianismo se trata de se entregar a um Senhor e lhe ser obediente.

O homem é convidado a ser como Deus na entrega de si mesmo. E quando o faz, ele se encontra, não como Deus, mas em comunhão com Deus no que Deus considera ser o mais sublime para o ser humano: A rendição.

O pecado central é o pecado de tentar fazer de si mesmo deus. Isso não pode ser feito. Portanto, o pecado não é apenas errado, é estúpido. É uma tentativa de viver a vida contra a vida. O pecado dos pecados é o egocentrismo. A rendição é a necessidade central da vida.

A glória de Deus está em produzir homens que tragam à luz frutos em abundância — sua glória está em preparar criadores.

A rendição [a Deus] é viável? Eu daria uma resposta qualificada: nada mais é viável. Se você pertencer a algo menos do que Deus, isso inevitavelmente o decepcionará, sem exceção. A rendição, em seu aspecto positivo, é a coisa mais emancipadora e universalizante que se possa imaginar. Você não precisa pertencer a esse ou àquele grupo; não precisa se alinhar com nenhuma sucessão apostólica; não precisa atingir um certo grau de bondade; não precisa ser educado, rico ou culto; não precisa ser jovem, velho, dessa ou daquela cor. Você tem de se dispor a dar a única coisa que possui, e somente isso. Não tem de acreditar nessa ou naquela doutrina. Você tem de ser dele. Tem de estar disposto a entregar *você* mesmo, a única coisa que possui — e tem de fazer só isso.

Em nosso relacionamento com Deus, com nós mesmos e uns com os outros, a chave para todo impasse é a rendição. E onde entra o cultivo do "eu"? Ele vem depois da rendição. Na verdade, não é possível cultivar um "eu" não rendido. Esse "eu" está no centro errado, e você não pode disciplinar nem cultivar um "eu" que está descentralizado. O centro deve ser mudado para Cristo pela rendição. Agora centrado em Cristo, você pode disciplinar e cultivar esse novo "eu" em um novo centro, com uma nova base. Agora o crescimento infinito é possível. Sem nada entre você e esse Cristo Redentor, você se expõe diariamente, a cada hora, a cada momento, ao seu estímulo redentor. Essa exposição é física, mental e espiritual. Todo o seu ser está exposto ao sim divino. Um extra é adicionado a tudo que você pensa, diz e é. Você coopera com o Amor criativo, tornando-se criativo.

Depois de 56 anos, eu ainda quero fazer a mesma coisa [proclamar o evangelho]. Essa é razão por que não posso aposentar-me. Espero que o meu último sussurro sejam as palavras de Wesley: "Eu lhe recomendo o meu Salvador". Se eu alcançar o céu, espero pedir um descanso de 48 horas, pois compreendo que se você der à natureza um descanso de 24

horas, ela fará o balanço e lançará fora todas as toxinas da fadiga. Se depois de 24 horas de completo relaxamento você ainda se sentir cansado, e não houver doença, então o cansaço está na mente. Bem, eu estarei do lado da segurança. Dobrá-lo-ei e pedirei uma folga de 48 horas. Então pedirei uma licença de 24 horas para andar pelo céu e encontrar os meus amigos. Então irei a Jesus e lhe direi: "Isto é maravilhoso. Mas não tem o Senhor um mundo decaído em alguma parte onde necessitem de um evangelista das boas novas? Envie-me, por favor".

BIBLIOGRAFIA

AZ Quotes: https://www.azquotes.com/author/7566-E_Stanley_Jones

Citatis: https://citatis.com/search/?q=stanley+jones

Goodreads: https://www.goodreads.com/author/quotes/241779.E_Stanley_Jones

JONES, Stanley. A Resposta Divina. São Paulo: Imprensa Metodista, 1995.

JONES, Stanley. Conversão. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1984.

JONES, Stanley. Cristo e o Sofrimento Humano. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1960.

JONES, E. Stanley. Jesus É Senhor. São Paulo: Shedd, 2005.

JONES, E. Stanley. O Caminho: Meditações Diárias. Viçosa: Ultimato, 2019.

JONES, E. Stanley. O Cristo de Todos os Caminhos. São Paulo: Imprensa Metodista, 1968.

JONES, E. Stanley. The Christ of the Indian Road. New York: Abingdon Press, 2014.

JONES, E. Stanley. Vitória espiritual: O poder transformador de dizer “eu me rendo”. São Paulo: Hagnos, 2024.

MATHEWS, Eunice. Selections from E. Stanley Jones: Christ and Human Need. The E Stanley Jones Foundation. Edição do Kindle.

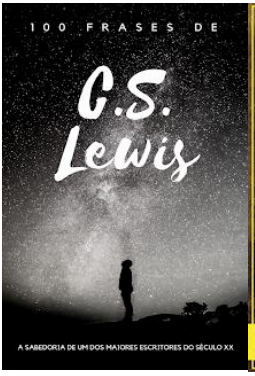
OLIVEIRA, Moysés Marinho de. 7 Mil Ilustrações e Pensamentos. Rio de Janeiro: JUERP, 1991.

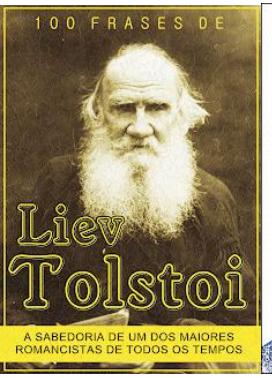
REACHERS, Sammis. Citações Missionárias. São Gonçalo: Veredas Missionárias, 2023.

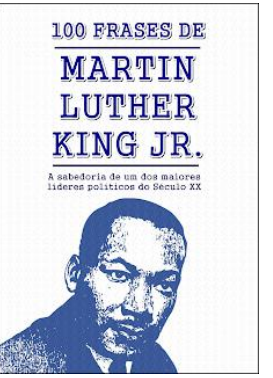
The Glorious Deeds of Christ: https://www.canonglenn.com/category/e-stanley-jones/

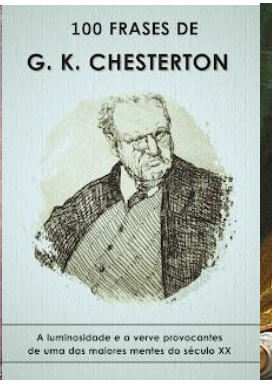
ZUBKO, Andy. Treasury of Spiritual Wisdom: A collection of 10,000 powerful quotations for transforming your life. San Diego (EUA): Blue Dove Press, 1998.

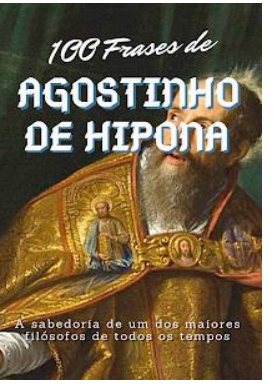
Outros e-books GRATUITOS, reunindo frases de grandes autores. Para baixar, clique sobre as capas.

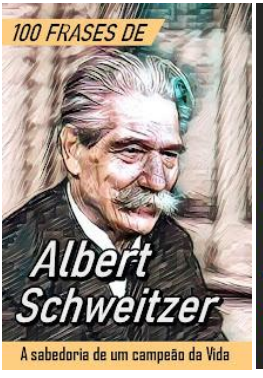












VEREDAS
MISSIONÁRIAS